

UNIVERSIDADE SANTO AMARO
Comunicação Social - Jornalismo

Braiam Resende Santos

**RADIODOCUMENTÁRIO CIGANOS EM SÃO PAULO: OS DESAFIOS
PARA PRESERVAR A CULTURA DOS ANTEPASSADOS**

São Paulo
2017

Braiam Resende Santos

**RADIODOCUMENTÁRIO CIGANOS EM SÃO PAULO: OS DESAFIOS
PARA PRESERVAR A CULTURA DOS ANTEPASSADOS**

Projeto de Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Santo Amaro - UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social. Orientadora: Prof.^a Deise da Roza Oliveira.

São Paulo

2017

Braiam Resende Santos

**RADIODOCUMENTÁRIO CIGANOS EM SÃO PAULO OS DESAFIOS
PARA PRESERVAR A CULTURA DOS ANTEPASSADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Deise Roza Oliveira

São Paulo, 05 de dezembro de 2017.

Banca Examinadora

Prof. Deise Roza Oliveira

Orientador

Prof.^a. Mauricio Capela

Membro

Conceito Final

Prof. Rodrigo Cavalcante

Membro

Dedico este trabalho à minha mãe e ao meu pai que tanto sonharam e me incentivaram na realização e na conquista do curso.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente a Deus pelo pela força e graça de conseguir concluir este curso.

Aos meus pais e aos meus amigos pelo suporte e compreensão.

RESUMO

O radiodocumentário “Ciganos no Brasil” traz um panorama da população cigana em meio ao caos da megalópole São Paulo e cidades ao entorno, como Guarulhos. Um retrato contemporâneo de pessoas que vivem à margem da sociedade e se deparam com a rejeição. O meio em que eles sobrevivem em paralelo a aceitação de vários grupos em geral. Tradições, crenças e comportamentos serão abordadas no projeto. Diferenciação entre grupos ciganos com enfoque ao “Calon” são citadas de forma prática e objetiva. Questionamentos que envolvem problemas de moradia, estrutura e até mesmo, preconceitos, serão apresentadas com reflexões e formas de preservação da linhagem cigana. Para a execução da transparência, como o estatuto da ética do jornalismo orienta, o outro lado da história foi mencionado. Órgãos e serviços públicos tiveram seu espaço garantido neste radiodocumentário. Reflexões de antropólogos como Roger Keesing são utilizadas para analisar as tradições ciganas, entender o meio em que eles vivem e aceitação de sua cultura. É ele quem vai criar debates sobre o significado de cultura sobre a ótica da antropologia.

Palavras-chave: Ciganos, Jornalismo, Radiodocumentário, Rádio.

ABSTRACT

The radiodocumentary "Gypsies in Brazil" brings a panorama of the gypsy population amid the chaos of the megalopolis São Paulo and surrounding cities like Guarulhos. A contemporary portrait of people who live on the margins of society and are faced with rejection. The medium in which they survive in parallel acceptance of various groups in general. Traditions, beliefs and behaviors will be addressed in the project. Differentiation between gypsy groups with a focus on the "Calon" are cited in a practical and objective way. Questions that involve problems of housing, structure and even, prejudices, will be presented with reflections and ways of preserving the Gypsy lineage. For the implementation of transparency, as the statute of ethics of journalism guides, the other side of history was mentioned. Public bodies and services have had their space guaranteed in this radiodocumentary. Reflections by anthropologists such as Roger Keesing are used to analyze gypsy traditions, understand the environment in which they live and acceptance of their culture. It is he who will create debates about the meaning of culture on the view of anthropology.

Keywords: Gypsies, Journalism, Radiodocumentary, Radio, Gypsy Community.

LISTA DE TABELAS

Gráfico 1 - Interessados no tema Ciganos em São Paulo.....	34
Gráfico 2 - Idade entre os participantes da pesquisa.....	35
Figura 1 - Orçamento.....	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	RADIOJORNALISMO	14
3	RADIODOCUMENTÁRIO	21
4	ÉTICA JORNALÍSTICA.....	24
5	CULTURA	26
6	HISTÓRIA CIGANA	27
7	RITUAIS CIGANOS	28
8	CIGANOS NO BRASIL	30
9	RADIODOCUMENTARIO: CIGANOS EM SÃO PAULO.....	32
10	CRONOGRAMA	36
11	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
	REFERÊNCIAS WEB GRÁFICAS	41
	ANEXOS	47

1 INTRODUÇÃO

O radiodocumentário “Ciganos em São Paulo”, produto derivado deste projeto experimental, buscou retratar uma comunidade cigana que vive atualmente na capital paulista.

O modo de vida e tradições dos ciganos em uma metrópole como São Paulo foi o problema que norteou este estudo. Partiu-se da hipótese de que não é possível seguir à risca as tradições ciganas na cidade mencionada, pois os padrões exigidos pela sociedade para interação desses indivíduos diferem da forma adotada por esse povo, sendo preciso alterar seu idioma, vestimenta, alimentação e forma de trabalho.

A relevância social deste trabalho justifica-se pelo preconceito que ainda é muito grande com o povo cigano, como aborda Fonseca:

Eles [ciganos] são contados entre aqueles que por comportamento anti-social, mesmo não havendo cometido crime, demonstram que não desejam enquadrar-se na sociedade: mendigos, vagabundos (ciganos), prostitutas pessoas com doenças contagiosas que não se tratam (Fonseca, 1996, p. 286).

Izsák (2012) explica sobre os problemas enfrentados por esse povo até hoje. A autora destaca que os ciganos são em torno de 500 mil em todo o Brasil, distribuídos por 337 municípios de 21 Estados. Mesmo assim, segundo ela, ainda parece invisível para os governantes brasileiros, pois essa população tem pouca obtenção ao ensino, saúde e pequena participação política. Sem contar que, constantemente, são alvos de criminalização em função de preconceitos e rótulos.

Poucas políticas oficiais ou programas existem dedicados a promover e proteger os direitos dos ciganos na região. Mais do que isso, a identidade dos ciganos como um grupo distinto é frequentemente desconhecida ou mal interpretada (IZSÁK, 2012).

Izsák (2012) também explica que a mídia também reforça os estereótipos dos ciganos, que são vistos por muitos como trapaceiros, enganadores e imorais. Segundo a autora, contribuem para que aconteça a segregação das comunidades ciganas, incluindo a diferenciação para acesso a locais públicos.

A autora também relata que a comissão das comunidades ciganas que ela visitou para elaborar um relatório à Organização das Nações Unidas disseram ter

dificuldades para frequentar escolas, pois muitas instituições vedam a inscrição de crianças ciganas. Destacaram também a existência de teses intolerantes em livros escolares, com definições deturpadas dessas comunidades.

Izsák (2012) pontuou ainda que obter documentos de identidade válidos é algo extremamente difícil. Como consequência, muitos têm seus acessos a serviços básicos impedidos. “No Brasil, as famílias de ciganos estão frequentemente em situação de extrema pobreza, sem acesso à eletricidade, água potável e saneamento básico adequado.”.

O relatório produzido pela autora aponta que essas populações precisam ser reconhecidas, primeiramente, como minorias distintas, para que consigam exercer em sua totalidade, as garantias defendidas, por meio dos direitos humanos. “A coleta de dados sobre as populações ciganas na região é de suma importância para ajudar na criação de políticas públicas e para saber o número de ciganos vivendo nos países e sua situação socioeconômica. ” (IZSÁK, 2012)

A relatora pede que os representantes públicos assegurem o ensinamento histórico dessas populações em instituições de ensino, e que caso haja alguma discriminação nos materiais educativos, que ela seja devidamente extirpada. “A constituição de leis antidiscriminação são necessárias para endereçar a falta de acesso à educação, saúde, habitação, emprego, redução da pobreza, acesso à Justiça e assim por diante” (IZSÁK, 2012).

O relatório de Izsák (2012) também solicita às autoridades policiais dos países das Américas que seja feito um treinamento especial, com o objetivo de garantir as prerrogativas das minorias ciganas.

Durante a produção do documentário, percebeu-se que a adaptação sofrida pela comunidade cigana é o que Canclini (2000) chama de hibridação cultural, isto é, diversas mesclas interculturais, e comumente associada ao processo de construção das identidades nacionais, que não são mais integralmente nenhuma das identidades originais, muito embora guardem traços delas.

Desse modo, a formação sociocultural da região em que os ciganos vivem na zona leste de São Paulo pode ser classificada como uma formação híbrida, tendo em mente que ela se originou a partir de estruturas socioculturais que antes existiam separadas, combinaram-se, como explica Canclini:

Muitos componentes étnicos entram no patrimônio de outros grupos, através de práticas lúdicas e rituais, mas também mediante políticas culturais, passando a formar parte do seu horizonte. Sem perder a sua idiossincrasia, as identidades são menos monolíticas. (CANCLINI, 2003, p. 108).

O presente trabalho também identifica fatores sociais, econômicos e culturais que guiaram esse povo segregado até os dias atuais; além de explicar a importância do radiodocumentário no processo de desmistificar os estereótipos construídos historicamente sobre os ciganos; e aplicar as técnicas do radiojornalismo aprendidas durante o curso de jornalismo.

A escolha do rádio como plataforma midiática é importante, pois a voz, os efeitos sonoros, som ambiente entre outros aspectos conferem ao rádio uma personalidade e uma característica de proximidade e companhia que a maioria dos meios de comunicação não detém, fazendo-o acessível à grande maioria das pessoas (RODRIGUES, 2006).

Outro fator interessante que pode facilitar a compreensão do objetivo do documentário é o alcance ilimitado. “Para o rádio, portanto, não há barreiras geográficas e/ou de nacionalidade que interfiram na transmissão eficaz de sua mensagem” (RODRIGUES, 2006, p.47). Ciente dessa característica de alcance ilimitado, o documentário que foi produzido visa despertar a consciência dos ouvintes para a situação dos ciganos que vivem na cidade de São Paulo.

Em 2011, a Rádio Senado produziu uma série chamada “O Povo Cigano no Brasil”, com o objetivo de dar voz a uma população estimada em 600 mil brasileiros, que vive, em boa parte, à margem da cidadania, sem acesso aos mais básicos serviços e equipamentos públicos. A história do povo cigano foi contada em doze episódios, desde os seus primórdios, passando por sua chegada ao Brasil, até a realidade atual dos grupos e comunidades.

Durante a pesquisa sobre o tema, foi possível encontrar também a produção em vídeo da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, em 2016, que traz o especial “**Ciganos – A roda: vida, tradição, transformação, fé!**”. Dividido em cinco partes, o filme aborda os costumes da população cigana através de depoimentos de dois moradores do acampamento, apresentando o dia a dia da população com o objetivo de desmistificar ideias pré-concebidas na sociedade em relação aos ciganos. São enfatizadas a invisibilidade do grupo perante a sociedade

e os obstáculos enfrentados pelos ciganos para usufruírem de serviços públicos de educação e saúde.

A exemplo dos documentários citados acima, este trabalho visa ouvir os personagens para que eles próprios contem e exemplifiquem sua relação com a própria cultura. O diferencial do documentário “ciganos em São Paulo os desafios para preservar a cultura dos antepassados” reside na busca por respostas às dificuldades apontadas nas entrevistas com os ciganos. Para construir essa abordagem de caráter jornalístico, respeitando a necessidade de ouvir sempre os dois lados de uma história, foram ouvidos profissionais das áreas citados como uma professora, uma enfermeira e uma assistente social, além da busca pela resposta “oficial” da Prefeitura de São Paulo sobre um dos assuntos abordados pelos ciganos.

Esta pesquisa aumenta o conhecimento sobre o povo cigano e serve de apoio aos jornalistas em formação e já formados. No entanto, é importante destacar que por mais que o jornalista se esforce para ser um bom observador e seja fiel no relato dos fatos, ele é um ser humano e, como tal, carrega consigo valores, crenças, conhecimentos que são só seus. E tais valores fazem com que ele deseje escrever ou estudar determinados temas em vez de outros. “As zonas filtro são controladas por sistemas objetivos de regras ou por gatekeepers. Neste último caso, há um indivíduo, ou um grupo, que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia”. (WOLF, 1995, p. 78)

Nesse entendimento, este trabalho está relacionado à teoria jornalística Gatekeeper. Porque ela valoriza a ação pessoal. Assim, é possível compreender que as decisões de divulgação dos fatos que são notícias, e como são divulgados, passam por valores e conhecimentos pessoais.

Ou seja, diante de um grande número de acontecimentos, só viram notícia aqueles que passam por uma cancela ou portão (gate em inglês). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (gatekeeper), que é o próprio jornalista. (PENA, 2005, p. 133).

O trabalho visa combater o preconceito dos ouvintes com os ciganos e também incentivar que outros pesquisadores se interessem por temas relacionados a esse povo. Sendo assim, a pesquisa é definida como exploratória, pois, como explica GIL (1994, p. 44), esse tipo de classificação tem como principal finalidade

“desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Quanto à metodologia, o trabalho fez a opção pelo método dedutivo. Essa escolha se justifica porque o método escolhido permite apresentar um problema, que é o questionamento se é possível que os ciganos que vivem em São Paulo mantenham a cultura de seus antepassados intactas.

Enquanto procedimento, este trabalho conta com observação direta, pois foram feitas visitas na comunidade dos ciganos para compreensão da realidade deles. De acordo com Gil (1994, p. 35), esse é o procedimento mais moderno, “visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais”.

A pesquisa utiliza arquivos publicados na internet, livros, entrevistas e documentários já produzidos para embasamento teórico e questionamentos pessoalmente. O material documentado e as respectivas análises foram organizadas em pastas no computador e editadas para serem usadas no documentário de rádio que foi feito utilizando técnicas jornalísticas como levantamento de pautas, pesquisa, apuração, entrevistas, sonorização, narração, elaboração de texto e edição.

O estudo mostra a realidade de uma minoria que se faz praticamente invisível diante de uma população de mais de 12 milhões de pessoas que vivem em São Paulo.

Também foi necessário estudar o veículo rádio e os elementos necessários para a produção de um rádiocumentário.

O radiodocumentário “Ciganos em São Paulo” coloca em práticas técnicas jornalísticas aprendidas durante a graduação, como preparação de pauta, apuração de informação, entrevista, elaboração de textos jornalísticos, edição, locução e sonorização.

2 RADIOJORNALISMO

Sob o ponto de vista tecnológico, Rodrigues (2006) ressalta que o rádio é um meio simples, capaz de transmitir desde o protesto de uma comunidade por melhorias no seu bairro até uma reunião de chefes de Estado do mundo todo. O autor destaca que o radialista precisa, basicamente, de um gravador e/ou de um aparelho de telefonia celular para realizar seu trabalho.

Para chegar à tecnologia necessária de transmissão, diversos estudos sobre a eletricidade e suas características foram feitos, como explica Jung (2004). Muitos colaboraram para que o rádio se tornasse real, entre eles o professor de física James Clerk Maxwell quando, em 1863, mostrou como a eletricidade se propagava sobre forma de vibração ondulatória.

A teoria foi usada 24 anos depois pelo físico alemão Heinrich Rudolf Hertz, e desenvolvida pelo francês Edouard Branly, em 1890, e pelo britânico Oliver Lodge, em 1894. Nessa mesma época, o padre Landell de Moura já havia feito suas primeiras experiências com transmissão e recepção de sons por meio de ondas eletromagnéticas.

Jung (2004) ainda destaca que há registros de que o padre usou a válvula amplificadora em testes pelo menos dois anos antes do equipamento ter sido apresentado ao mundo pelo americano Lee DeForest.

E apesar da evolução tecnológica em todas as mídias, diferentemente do que muitos pensam, que o rádio está perto do fim, Barbosa (2003) afirma que o meio de comunicação tem a capacidade de transformar-se de modo acelerado tentando acompanhar os benefícios das novas tecnologias, a exemplo da digitalização.

Jung (2004) explica que, no Brasil, o radiojornalismo foi introduzido pelo professor Edgar Roquette-Pinto, em 1923, que lia as notícias mais interessantes do estado do Rio de Janeiro no Jornal da Manhã, uma das primeiras experiências jornalísticas do rádio brasileiro, transmitido, de segunda a sexta-feira, pela Rádio Sociedade Fluminense, a PRA-2.

O programa não tinha hora certa para começar. Ou melhor, tinha: assim que Roquette-Pinto terminasse a leitura dos periódicos. Era o tempo de telefonar para o estúdio da emissora e pedir para o técnico colocar a rádio no ar. O próprio Roquette-Pinto lia as notícias. Mal imaginava que seu método contaminaria as redações (JUNG, 2004, p 12).

Na década de 40, Jung (2004) explica que a informação se expandiu e ganhou relevância no período da Segunda Guerra Mundial e graças ao rádio, por possuir velocidade, presteza e amplo potencial em massa.

O autor destaca que, neste contexto, o Repórter Esso chegou ao Brasil, idealizado pela United Press e patrocinado pela Standard Oil.

A princípio, a transmissão era feita unicamente na Rádio Nacional do Rio pelo locutor Herom Domingues, no entanto, pouco depois, começou a ser retransmitido em outros lugares, como São Paulo, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte.

As notícias vindas de agências internacionais moldaram o radiojornalismo brasileiro ao estilo norte-americano. Conforme explica Klöckner (2006), a produção e a seleção das notícias e eram feitas de acordo com instruções de um manual inspirado no Manual Radionoticioso de la United Press en America Latina, de 1944.

A orientação para a utilização de frases objetivas, pequenas e diretas, além de uma linguagem acessível, estavam entre as páginas do documento.

Jung (2004) ressalta que, em cinco edições diárias e fixas, o Repórter Esso construiu o hábito de recepção no ouvinte.

Ainda neste período, vale destacar o Grande Jornal Falado Tupi e o Matutino Tupi, ambos com criação nas décadas de 1940.

Esses programas eram transmitidos pela Rádio Tupi de São Paulo, emissora pertencente a Assis Chateaubriand.

Para Ortriwano (1990, p.80):

[...] o Repórter Esso e o Grande Jornal Falado Tupi foram os primeiros no Brasil, a mostrar preocupação quanto a uma linguagem específica para o rádio, procurando elaborar a notícia de forma a atender as características do meio radiofônico e não do jornalismo impresso [...] (ORTRIWANO, 1990, p.80).

Uniu-se a essas novidades a tecnológico disponível na época, onde foi possível as primeiras gravações magnéticas, com a edição de sons, algo de extremo valor, como explica Klockner, quando diz que “a miniaturização dos equipamentos de externas, estimulada pela invenção do transistor em 1947, leva o rádio para as ruas em busca da notícia” (KLÖCKNER, 2006 p. 79).

Jung (2006) também destaca que a entrada dos computadores mudou o comportamento das redações, eliminando, assim, o trabalho de numerar as linhas das laudas. Programas de informática calculam, automaticamente, o tempo da

notícia. É possível, inclusive, converter o tempo para o ritmo de cada um dos locutores, facilitando o trabalho de editores e produtores. Porém, ele enfatiza que a ideia básica de verificar o tempo da nota conforme o volume de linhas permanecentes.

No ano de 1954, a Rádio Bandeirantes estruturou a programação com notícias de pouco mais de um minuto de duração e intervalos de quinze minutos, além dos boletins de três minutos em cada hora cheia (ORTRIWANO, 1990, p.82).

Com o surgimento da televisão, neste mesmo período, chegou ao fim os “anos dourados” do rádio no Brasil. Todos os produtos radiofônicos migraram-se para esta nova mídia, que, como afirma Moreira (2000) colocou-se como o rádio com imagem, desafiando a criação de novas alternativas.

Jung (2006) afirma que com a chegada da TV, na década de 1950, o rádio perdeu artistas, profissionais e poder de influência com a transferência das verbas publicitárias. Foi recuperar-se anos depois, com a estruturação de novas emissoras construídas com base no tripé jornalismo, esporte e entretenimento — aqui com destaque para a música gravada, pois os artistas, por motivos evidentes, deram preferência aos programas de auditório da televisão. Lá, os cachês eram maiores.

Ortriwano (1985) relembra que, na década de 1960, o rádio fez a troca de seus artistas por discos e fitas gravadas. As novelas foram substituídas pelas notícias e os programas de auditório deram lugar a prestação de serviços de utilidade pública. Essas escolhas levaram o rádio a atender as exigências de cada região, especialmente no que diz respeito à informação. Com isso, há uma intensificação das emissoras, em achar um público específico para cada uma delas.

Foi necessário um dialeto que fizesse uso de agilidade e versatilidade, peculiaridades do rádio, para superar a ausência de imagem. As práticas de consumo diárias mudaram e as pessoas deixaram de sentar ao redor do aparelho como de costume. Também, outras mudanças foram necessárias, como explica o autor:

Os textos tiveram que absorver, a partir da década de 60, recursos expressivos que conotassem uma impressão de realidade acústica, dando a sensação de naturalidade e espontaneidade do discurso improvisado, oral. A linguagem do radiojornalismo adquiriu então, outro ritmo. Sua musicalidade propiciou melhores condições para que o ouvinte absorvesse a mensagem e estabelecesse uma relação de significância em um meio que fala para um receptor disperso

(BAUMWORCEL, 2001, p. 110).

Calabre (2004, p.50) ressalta que as transformações nos regimes políticos da década de 1960 fizeram do rádio um meio de diversão, informações e serviços: “o governo militar investiu na integração televisiva do país e as emissoras foram adotando o modelo de rádios locais, com notícias e prestação de serviços, músicas gravadas e esportes, como no Slogan da rádio Globo, criada em dezembro de 1944: Música, esporte e notícia”.

Betti (2008) aponta uma fase crítica para o meio, a partir de 2 de setembro de 1961. O Serviço de Censura Militar proibiu a veiculação de noticiários por parte das emissoras, sem autorização prévia.

Como se não bastasse, a censura à imprensa comprometeu principalmente as empresas jornalísticas, pois prendia e torturava profissionais, fechava emissoras e paralisava o progresso técnico.

Neste mesmo governo, a autora ainda ressalta que, instaurou-se o primeiro Código Brasileiro de Telecomunicações, que definia as relações entre poderes concedente e concessionário no campo da radiodifusão. Porém, um Decreto de 1964, conhecido como o AI-5 das telecomunicações brasileiras, modificou o código, permitindo ao governo cassar as concessões e direitos dos proprietários de emissoras em 1962 e aumentando as penalidades.

Diante dessa realidade, os jornalistas não puderam veicular notícias e, a partir deste momento, criou-se novas formas na transmissão das informações.

Ferraretto (2001) explica que, durante o governo do General Emilio Médici, em 1970, o jornalismo estava concentrado na radiodifusão brasileira, por meio das coberturas esportivas e assuntos de interesse público. “ Nas emissoras FMs, domina a música. Inicia um processo de divisão do público que vai se consolidar nos anos 80. ” (FERRARETO, 2001, p. 155)

Klöckner (2006, p.79) enfatiza que nos anos entre 60 e 70, “os primeiros gravadores de fita cassete melhoram e ampliam o fazer do repórter e os telefones conferem ao veículo maior participação da audiência”.

Martí (2004) explica que foi na década de 1980, com o fim do militarismo, que as organizações de comunicação ampliaram a produção de conteúdos especializados. É nesse momento que a segmentação vira uma opção para a conquista do ouvinte e do mercado publicitário. De acordo com o autor, este

submodelo é uma junção de conteúdos musicais como os de palavra ou mesclados, em uma fórmula de programação bastante precisa e um estilo de realização e apresentação muito concretos.

De acordo com Moreira (2002), outro fator foi extremamente decisivo neste período: o progresso da tecnologia. Ele dá ênfase a quatro recursos técnicos que colaboraram para o aperfeiçoamento na qualidade do som:

[...] o transmissor-receptor (sistema de áudio em duas vias, que permitiu ao repórter entrar no ar direto e ao vivo ou conversar com âncoras e entrevistados); a extensão de baixa frequência para telefone (acoplada ao telefone, aumentava a potência de transmissão e permitia que o sinal chegasse mais forte ao estúdio); os satélites (que passaram a ser cada vez mais usados na transmissão em redes); e o compactdisc, o CD, apresentado ao mundo pela empresa holandesa Philips em 1979. Em um pouco mais de dez anos o CD substituiu as fitas magnéticas e os discos de vinil e contribuiu de forma decisiva para a melhoria na qualidade sonora das emissoras de rádio e dos aparelhos de som domésticos [...] (MOREIRA, 2002, p.97).

Segundo Baumworce (2001, p. 112), “o improvisado e o jornalismo direto da rua trouxeram, mais uma vez, vida ao rádio”, depois do período de aprisionamento da originalidade do discurso. No entanto, segundo a autora, foram essas regras que facilitaram o pensamento e o entendimento da mensagem. Assim também como a elaboração de redes foi determinante na linguagem. Com intuito de ampliar seu público, mas com a incumbência de modificação da cobertura, a expressão radiofônica foi simplificada, preservando o conteúdo.

É o que reforça Jung:

Ser simples, claro é objetivo é usar linguagem coloquial, sem vulgaridade. É falar e escrever de forma que o ouvinte entenda de imediato. Exemplos: dizer causa da morte em lugar de causamortis; trocar genitora por mãe; lograr êxito por ter êxito, vítima fatal por morto; e anuência por aprovação. Mesmo expressões usadas com frequência podem ser simplificadas. É o caso de reforma tributária que pode ser traduzida por mudanças nos impostos (JUNG, 2004, pg. 39).

Porém, como afirma Betti (2008), outras mudanças ocorreram, a exemplo dos parâmetros de noticiabilidade. A pioneira em estruturação e consolidação de sua rede de radiodifusão sonora via satélite foi a Rádio Bandeirantes de São Paulo. O

Sistema Band Sat AM passou a operar oficialmente no ano de 1989. Com o *slogan* “A rádio que toca notícia”, dois anos mais tarde, a CBN também iniciou seu trabalho de transmissões. Em 1994, foi a vez da Jovem Pan entrar em rede. Apesar da concentração na cidade paulista, o radiojornalismo se expandiu para outros estados.

No estado do Rio Grande do Sul, duas redes chamaram atenção: a Gaúcha Sat e a sua concorrente Guaíba Sat. Mais recentemente, a BandNews FM, inaugurada em maio de 2005, foi ao ar como primeira rede jornalística a transmitir totalmente em frequência modulada seguindo o modelo predominante nos Estados Unidos desde 1960, a programação allnews.

Ortriwano (1990) explica que:

Ao se transformar em emissora allnews, os locutores da WINS se revezavam a cada meia hora e 21 repórteres circulavam por Nova Iorque com viaturas de reportagens dotadas de transmissores FM. Além disso, a WINS contava com correspondentes em várias partes do mundo, ligados à rede de comunicação Westinghouse (a quem pertence a WINS) e acesso aos serviços das principais agências noticiosas (ORTRIWANO, 1990, p.87).

Moreira (1987) ressalta que a rádio Jornal do Brasil AM, em maio de 80, depois de fracassar por 6 vezes, optou por um ‘allnews amenizado, agrupando o conteúdo noticioso nos horários nobres. Apesar de centralizar sua programação na veiculação de notícias, a Rede CBN também desprezou o formato mais rústico e passou a transmitir jogos de futebol e programas talk.

Para Baumworcel (2001, p.112), este modelo altera os princípios denoticiabilidade, pois pode afadigar o ouvinte que escutar a programação por muito tempo. Essa mudança ficou evidente no modelo aplicado pela BandNews FM, que sob o *slogan* “em vinte minutos, tudo pode mudar”, apresenta noticiários de 20 em 20 minutos.

Nos últimos anos, outros elementos de interferência na linguagem radiofônica fizeram diferença, como a utilização da Internet como fonte e referência de conhecimento e assistência para viabilização do conteúdo e a implantação da tecnologia digital. Del Bianco afirma que:

[...] essa mudança tecnológica tem implicações também na linguagem radiofônica e nos formatos dos programas. Uma das características do sinal digital é que se trata de linguagem que reúne diferentes dimensões comunicativas e, portanto, obriga o rádio a

trabalhar com outros recursos diferentes, além do som e a modificar radicalmente seus modelos de funcionamento e de estruturação da produção (DEL BIANCO, 2001, p.41).

Desde que caiu no gosto do público, o rádio vem se firmando como um espaço de prestação de serviço de interesse público, que exerce uma comunicação fundamental para a história da humanidade, pois, como ressalta André Barbosa Filho, ele “deixa como legado princípios como ação, atuação, transformação e mobilização” (FILHO, 2003, p. 49).

Jung (2004) aponta alguns pontos importantes a serem observados pelo profissional de rádio na aplicação das técnicas jornalísticas. Primeiramente, é preciso entender que com base em apenas um segmento do programa, uma entrevista ou um comentário, o ouvinte constrói a imagem do jornalista e da rádio. Sendo assim, o autor indica que não basta um bom redator, um repórter de qualidade ou um âncora famoso. A emissora é resultado do trabalho de equipe, com cada um assumindo responsabilidades e desempenhando sua função da melhor maneira possível.

Outro detalhe importante que Jung (2004) ressalta é que quem sintoniza uma rádio comprometida com a informação quer saber o que acontece de mais importante naquele exato momento. O quadro tende a se agravar à medida que a busca de notícias pela internet se torna comum. O ouvinte pretende “aceder” a informação no rádio com a mesma facilidade encontrada em um portal de notícias. Diante disso, estar atento às demandas da audiência se torna fundamental, sem perder de vista a ideia de que fatos interessantes ao público nem sempre são de interesse público.

Jung (2004) indica que a redundância sem ser repetitivo é uma habilidade que deve ser buscada pelo repórter ou âncora de rádio. Devido à audiência rotativa, sempre que uma entrevista se prolongar, é importante situar o ouvinte resumindo em uma ou duas frases o tema abordado.

Assuntos que são destaque no noticiário devem ser retomados no decorrer do programa com abordagem diferente, seja em entrevista, reportagem, nota ao vivo ou mesmo a partir da leitura da mensagem de um ouvinte. As sínteses noticiosas com o resumo da última meia hora é estratégia sempre adotada com resultado positivo (JUNG, 2004, p. 04)

3 RADIODOCUMENTÁRIO

José (2015) explica que o que mais tarde foi denominado de documentário radiofônico padrão, na origem era denominado “Especiais” e, quase sempre, só eram veiculados quando ocorria um episódio ou acontecimento extraordinário e, muitas vezes, como obituário, isto é, para biografar, no luto, o percurso de personalidades.

A autora destaca que o roteiro era confeccionado para uma ou duas vezes de locução profissional que narravam os feitos entrelaçados por composições musicais. A duração da peça era fechada em 30’, sem barra comercial, ou 60’, em 4 blocos separados por barras comerciais.

Gradativamente, ainda denominado Especiais, essa peça radiofônica conseguiu permanência semanal nas grades de programação de várias emissoras e passou a dividir a voz profissional com as sonoras, modelizando assim o que passou a ser denominado de documentário radiofônico padrão.

O rádiocumentário, segundo Barbosa Filho (2009), tem como finalidade investigar um determinado assunto arquitetado com o trabalho de um repórter condutor. O documentário jornalístico é composto por uma análise documental, aferição dos fatos no próprio local, além de contar com observações de exímios entendedores e de envolvidos no evento, e desenvolve uma indagação sobre um fato ou aglomerado de fatos, pertinentes e de interesse atual, de implicação não-artística.

É realizado por meio de montagem – edição final do material produzido em áudio – com matérias gravadas anteriormente ou, ainda, juntando-se esse material às ‘cabeças’ – introdução aos temas enfocados – e a algumas matérias temporais ao vivo (BARBOSA FILHO, 2003, p. 102).

A duração de transmissão é entre meia hora e uma hora, e o roteiro deve respeitar o uso de fundamentos sonoros, como trilhas, efeitos e vinhetas (BARBOSA FILHO, 2003).

O documentário é o gênero que mais renovação experimentou nas mídias eletrônicas; quando se reflete sobre quaisquer das linguagens oriundas das mídias eletrônicas, é possível constatar os importantes saltos de criação que ocorreram nessas linguagens em virtude da produção de documentários, como afirmam os

autores:

O gênero documentário tem desenvolvido a noção de ensaio com as características que lhe são peculiares: a liberdade de expressão, a possibilidade de experimentação, o desenvolvimento do espaço subjetivo, a montagem como agenciadora de uma desordem (LABAKI E MOURÃO, 2003, p.23).

Segundo Prado (1989, p. 85) a reportagem é o gênero mais rico entre os utilizados no rádio da perspectiva informativa. Sendo que toda reportagem é, em definitivo, uma agrupação de representações fragmentadas da realidade que, em conjunto, dão uma ideia global de um tema.

É importante destacar que, segundo Lage (1998), a palavra reportagem tem dois sentidos: por um lado, designa o setor das redações que trata da apuração e codificação dos dados, em geral; por outro, um gênero jornalístico diferente da notícia por vários aspectos. O primeiro deles é que a reportagem cuida do levantamento de um assunto conforme ângulo preestabelecido. (LAGE, 1998, p.46)

Chantles e Harris (1998) explicam que as reportagens especiais dão a oportunidade de contar uma história em maior profundidade. O documentário jornalístico é considerado uma grande reportagem, com várias sonoridades. Os autores ressaltam que o importante é que ele tenha uma forma própria e uma história para contar.

De acordo com Nichols (2005), para a condição de documentário, basta apenas a recorrência dos fatos ser capaz de se tornar um referente, isto é, conquistar a condição abstrata e geral de ser um tema, um assunto a ser tratado em alguns dos seus aspectos.

Então, o documentário, como gênero que complexificou a reportagem, transforma o tema ou o assunto numa questão, isto é, problematiza as afirmações ou as negações que já aparecem como generalidades fechadas. Cada aspecto do tema pode ser tratado como hipótese, como possibilidade que questiona algum argumento, ou parte dele, que se apresenta fragilizado como constituinte da generalidade em virtude de mudanças no próprio fenômeno do qual o fato, e mesmo a generalidade, são apenas parte dele.

José (2015) conclui que os diferentes tratamentos de um tema em roteiros de documentário é só um começo das muitas possibilidades que este gênero se permite, mesmo porque é um gênero que ainda precisa ser explorado no áudio.

Além disso, como as mídias estão em rede, o diálogo entre elas acontece de forma efetiva e a descoberta do documentário pelo cinema e pelo vídeo pode se estender para a radiofonia, exigindo de seus profissionais um conhecimento mais pontual sobre este gênero e um sentimento mais aguçado para as inovações possíveis no tratamento do documentário.

4 ÉTICA JORNALÍSTICA

É preciso também se atentar à ética jornalística, pois, atualmente, é comum a pessoa abrir o jornal ou assistir notícias tendenciosas, que visam beneficiar uma das partes ou mesmo esconder a realidade dos fatos. Desse modo, o autor destaca a importância do equilíbrio entre a ética e a moral:

Os jornalistas, como outros profissionais, necessitam de um código de ética um acordo explícito entre todos com um compromisso de realizar sua função social de modo compatível com os princípios universais da ética. Esse código se articula por meio de uma deontologia, na qual estão claros a aspiração de cumprir seus deveres. É um instrumento frágil de regulação dos comportamentos de seus membros e não pode, coercitivamente, obrigá-los a cumprir os preceitos do código. A pressão é apenas de ordem moral. (BARBEIRO, 2003, p. 13)

Lage (2006) destaca que o noticiário deve ser guiado pela ética da profissão, tomando conhecimento que ele possui alguns direitos, como o sigilo da fonte, no entanto, existem coisas que não são permitidas e devem ser preservadas. Subentendidos desafios éticos respaldam-se na tese radical de que a propagação de um procedimento é capaz de induzir pessoas a proliferação.

Por esse fundamento, o autor afirma que não deve ser disseminado notícias de suicídios, para que assim, seja evitado que os ouvintes, por imitação, se suicidassem, como também, roubos sagazes.

Lage explica que jornalistas não podem ser éticos sozinhos se, por exemplo, as empresas e as fontes de comunicação não o são.

Karam (1997) destaca que atualmente é possível perceber alguns erros no modo de fazer jornalismo. O autor destaca que uma dessas falhas se dá quando o repórter ao noticiar um fato faz julgamentos, reforça estereótipos e preconceitos. Ele também explica que valores, como o respeito ao outro, norteiam os fazeres jornalísticos embasados na ética e posições e opiniões conservadoras devem ser eliminados do comportamento do profissional. Pois, segundo o autor, a solidariedade não pode ser um ente genérico habitando os discursos e que a liberdade de conhecimento não pode ser apenas uma formalização cínica dos manuais (KARAM, 1997, p. 83).

A consciência profissional do jornalista, como explica Karam (1997) deve considerar a dimensão pública de sua atividade, as consequências sociais que traz, as responsabilidades que exige, com a obrigatoriedade de revelação de acontecimentos independentemente da posição pessoal. Para o autor, isso seria consciência de sua atividade profissional e da ética específica – não particularista – que carrega. (1997, p. 101).

Já Medina (2006, p. 69) acredita que o jornalista pode dosar sua dimensão objetiva e subjetiva para construir uma narrativa humanizada, levando sempre em conta a obrigatoriedade ética de seu fazer profissional. A diversidade de personagens, lugares e ideias da realidade podem ajudar para um jornalismo mais próximo do que realmente deveria ser.

Com a pluralidade dos fatos, vai desdobrando-se precisamente a verdade, sempre uma aproximação com a fidelidade dos acontecimentos, com a exatidão na apuração de dados e eventos, com a objetividade narrativa, mas também com a sua humanização” (KARAM, 1997, p. 108).

Cornu (1999) esclarece que o jornalista é livre para produzir seu relato da forma que quiser, mas que é preciso inovar, unir ética, técnica e estética para um jornalismo mais atento à complexidade, totalidade e universalidade humana.

O autor explica que a liberdade é um preliminar à ética jornalística, “ao mesmo tempo que a sua ética o conduz a considerar a liberdade da informação e, mais geralmente, a liberdade dos outros, direito fundamental, como um valor que lhe incumbe afirmar” (CORNU, 1999, p. 132). Uma vez com total liberdade para fazer um jornalismo ético, humano e de qualidade, o jornalista tem a responsabilidade de relatar a diversidade de fatos que mudam dia após dia a sociedade.

5 CULTURA

Para analisar as tradições ciganas é preciso primeiro entender o significado de cultura. São muitas as definições para o termo. Isso porque ele é estudado pela sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras áreas.

Para Roger Keesing, antropólogo, em seu artigo "Theories of Culture" (1974), culturas são padrões de comportamento socialmente transmitidos que servem para adaptar as comunidades humanas ao seu modo de vida, como tecnologias, modo de organização econômica, padrões de agrupamento social, organização política, crenças, práticas religiosas, etc.

Cuche, (2002, p.11), sociólogo e antropólogo francês, explica que a cultura torna possível a transformação da natureza, isto é, o comportamento do homem não é biológico mas fruto da capacidade que tem de adaptar-se ao seu meio, pois "nada é puramente natural no homem". Isso porque a cultura é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história. Cuche (2002, p. 21) também destaca que a palavra cultura pode ser usada como sinônimo para termos como "mentalidade", "espírito", "tradição" e "ideologia".

Por isso, explicar sobre as diversas culturas é muito difícil, uma vez que, de acordo com antropólogos como Leach (1992), em uma única sociedade, por exemplo, pessoas de diversas classes sociais e de diferentes profissões vão apresentar regras de comportamento, modos de vestir, se alimentar e morar diferenciados. Há também outras particularidades culturais como a forma de falar e as diferentes religiões e minorias étnicas. É no que acredita também Marilena Chauí quando explica que:

Cultura é a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística. Desde a religião aos hábitos à mesa, todos os costumes dos seres humanos constituem a Cultura como invenção da relação com o outro. (CHAUÍ, 2000, p. 376).

6 HISTÓRIA CIGANA

As histórias dos ciganos sempre foram transmitidas por seus antepassados oralmente, dando espaço para lendas e poucos registros exatos. Segundo Campos (1999), especialistas no assunto acreditam que esse povo surgiu na Índia, já que o idioma falado por eles parece com várias línguas do subcontinente indiano.

Fraser (1995) explica que os ciganos chegaram a Constantinopla por volta do ano 1000 d.C., e se tornaram “conhecidos como mágicos e feiticeiros viajantes”, em decorrência das previsões e feitiçaria que praticavam. Já Piasere&Campigotto, (1990, p. 15) “quando chegaram à Itália foram bem recebidos apenas no início, mas depois começaram a sofrer preconceitos por causa da aparência escura, magra e pela forma como comiam em público, sendo comparados a selvagens”.

Na Idade Média, eles chegaram a ser perseguidos pela Inquisição. O tribunal da Igreja Católica julgava os chamados crimes contra a fé, pois o regime da época não aceitava a cultura e o modo de vida nômade desse povo (MOSCOVICI, 2009).

Os ciganos sofreram com o nazismo e com os regimes ditatoriais, pois a mão de obra artesanal produzida por eles era proibida, fazendo com que muitos passassem fome (RAMANUSH, 2011).

Segundo Ramanush (2011) atualmente, não se sabe quantos ciganos existem espalhados pelo mundo, pois, de acordo com informações da Embaixada Cigana no Brasil, representantes oficiais dos países evitam fazer uma contagem precisa desse povo.

E isso não ocorre somente por aqui, em 1997 ‘oficialmente’ não havia ciganos vivendo na Moldávia, enquanto ativistas ciganos citavam outra realidade. Com uma população mundial estimada entre 8 e 12 milhões, o maior número vive no centro e leste europeu (RAMANUSH, 2011, p.6).

7 RITUAIS CIGANOS

Não é possível detalhar as diversas tradições dos ciganos porque há uma variedade constituída pela mistura de vários grupos. Porém, alguns aspectos principais, ligados aos momentos mais importantes da existência, são explicados pelo cigano Nicolas Ramanush, em seu ensaio sobre os ciganos (2011). Segundo Ramanush, quando uma criança nasce, é dado o banho da glorificação, Slav, realizado no sétimo dia de vida da criança. Já entre os ciganos convertidos à fé islâmica, identificados como Xoraranô, acontece a celebração do “syunet”, circuncisão que deve ser feita até os 7 anos do menino.

O casamento entre eles acontece enquanto ainda são jovens. Os rapazes se casam entre 14 e 17 anos, já as moças entre 13 e 15 anos. Elas devem se manter virgens até o casamento, sendo constantemente vigiadas por toda a família. O que não acontece com os homens. A escolha do marido é feita pela família da jovem, que prefere sempre buscar o marido entre uma família conhecida e bem-conceituada pela comunidade (Ramanush, 2011).

Ramanush (2011) também explica que, um dia antes do casamento, os ciganos muçulmanos costumam pintar a noiva com hena, nos dedos do pé, nas mãos e nas palmas. Quem deve fazer isso é uma mulher idosa e influente, que tenha se casado uma vez e nunca tenha traído o marido.

Esse ritual é acompanhado com a doação de uma quantia de dinheiro dentro de um pano branco que é envolto nos pés e mãos da moça. O pano branco amarrado com linha vermelha simboliza sua integridade. Ao término, todos os mais velhos abençoam ao casal. (RAMANUSH, 2011, p.9).

Entre os Rom-Calderash, quando alguém morre, os familiares mais próximos compram o caixão e colocam os objetos estimados pelo falecido. Ramanush (2011) explica que durante um determinado número de dias, o defunto é velado dentro de casa, com toda a família sentada à sua volta. Quando o ritual chega ao fim, o morto é levado ao cemitério, sempre com os pés para frente, para ser enterrado em túmulos suntuosos.

Para os Xoraxanô, o costume da sepultura envolvia dar dinheiro à família. Entre os Sinti-Manush e entre os Calon, via-de-regra,

queimam-se as principais coisas do falecido (a). E o que não é queimado terá de ser distribuído aos familiares e amigos (RAMANUSH, 2011, p. 10).

Em relação à religiosidade cigana, Ramanush (2011) afirma que os grupos adotam a crença dominante no país, em que vivem. Mas muitos tentam manter suas tradições de previsões de futuro por meio da quiromancia.

8 CIGANOS NO BRASIL

De acordo com Teixeira (2008), pesquisas realizadas no Brasil provam a existência de ciganos de, pelo menos, dois grupos diferentes: os Caloneos Rom. O autor detalha que, de 1819 a 1959, migraram para o Brasil 5,3 milhões de europeus, dos quais 1,7 milhão portugueses, 1,6 milhão italianos, 694 mil espanhóis, 257 mil alemães e 125 mil russos.

Teixeira (2008) também destaca que não existem dados sobre o número de ciganos no Brasil atual, nem sobre a sua distribuição geográfica, pois, os censos demográficos brasileiros nada informam sobre ciganos ou indivíduos que são identificados como tais.

O mais perto de um número oficial foi feito pelo IBGE, em 2009, quando apresentou um total de 5.565 municípios e a presença de ciganos em apenas 290 municípios brasileiros. Porém, para Ramanush (2011), a ONG Embaixada Cigana do Brasil levantou a presença de 28 acampamentos, apenas na grande São Paulo.

Coelho (1995) relata que a história dos ciganos no país começou em 1574, quando o cigano João Torres, sua mulher e filhos foram enviados para o Brasil.

Teixeira (2008) afirma que a presença cigana foi percebida em Minas Gerais a partir de 1718, quando chegaram ciganos da Bahia, depois de terem sido deportados de Portugal. O autor também destaca que em Minas Gerais, durante o século XIX, os ciganos só ganhavam destaque de forma negativa, como “perturbadores da ordem”, responsáveis pelos mais hediondos crimes.

Em 1798, o mercado escravista no Brasil estava aquecido e os ciganos começaram a comercializar escravos, por várias partes do interior do país. Isso proporcionou uma maior aceitação e mesmo valorização social dos ciganos, já que exerciam uma atividade reconhecida como útil por grande parte da população.

Esse momento da história cigana no Brasil coincidiu com a ascensão do movimento romântico na Europa que repercutia no Brasil, com a visão de que o cigano era a encarnação dos ideais da vida livre e integrada a natureza. Além disso, houve uma idealização da mulher cigana, agora não mais uma miserável e desonesta quiromante, mas uma mulher forte, sensual e, ainda que vingadora e passional fascinante (TEIXEIRA, 2008, p. 7-8).

Teixeira (2008) explica que esse prestígio acabou com o fim da escravidão, em 1888, aliado à criação de uma política de construção de uma identidade nacional, a partir da Independência, que valorizava o pensamento de modernização e civilização dos costumes junto às elites brasileiras, que estabelecia um reordenamento físico das cidades, higienização das vias públicas e a repressão às populações marginalizadas, entre elas os ciganos.

Teixeira (2008) menciona que no fim do século XIX os ciganos passaram a investir no segmento artístico e várias famílias ciganas se tornaram proprietárias de circos, ou trabalhadoras da atração circense.

Atualmente, como afirma reportagem da Rede Brasil Atual, feita por Hylda Cavalcanti (2013), os ciganos vivem em 291 acampamentos registrados por entidades da sociedade civil, prefeituras, governos estaduais e governo federal, em 21 estados. Ficam, em maior número, localizados em Minas Gerais, Bahia e Goiás.

São mais de 500 mil pessoas, divididas em ramificações de três etnias distintas, que sofrem com falta de infraestrutura adequada, dificuldade para ter acesso a programas sociais e para inserir os filhos em escolas públicas, além de serem submetidos a cenas constantes de discriminação e violência” (CAVALCANTI, 2013).

9 RADIODOCUMENTARIO: CIGANOS EM SÃO PAULO

O radiodocumentário “Ciganos em São Paulo” conta a história da comunidade cigana em São Paulo, no bairro Itaim Paulista, e também em cidades da região metropolitana, como Guarulhos.

No documentário, mostramos como um grupo minoritário (comunidade cigana denominada “Calon”) sobrevive em meio ao caos da megalópole, seus comportamentos, tradições, rotinas e sua aceitação mediante a sociedade em geral. Por se tratar de um documentário de rádio padrão, a produção foi organizada a partir da lógica informativa diacrônica-sincrônica, que é quando a voz profissional relata o percurso e a voz do especialista elabora a análise crítica do tema, com a participação de depoentes, que são os ciganos envolvidos nos fatos; autoridades que regulam o funcionamento institucional do tema, a exemplo do representante da embaixada cigana no Brasil; e especialistas estudiosos do assunto cigano (JOSÉ, 2015). Na explicação de Barbosa Filho sobre como deve ser um documentário, encontram-se outros métodos jornalísticos que também serão usados no radiodocumentário deste projeto:

O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos in loco, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística (BARBOSA FILHO, 2003, p.102).

Para isso, foi usado texto narrativo, que se organizou a partir de sequências de acontecimentos que se uniram à base da reportagem, que continua sendo a entrevista, de preferência face a face, captando o que a fonte quis dizer e também, se possível, o que ela gostaria de não dizer (LAGE, 2006, p. 22).

Lage dá orientações para ajudar o jornalista na hora de fazer uma entrevista: não confiar só no equipamento, “porque equipamentos enguiçam”, por isso o jornalista deve anotar palavras chaves, indicando os principais temas na sequência que ocorreram (2006, p. 73).

O início da pauta aconteceu após cenas rotineiras serem observadas como a leitura de mãos, práticas da quiromancia (cartas) em alguns pontos de São Paulo, como o bairro do Brás (Zona Leste) e em Guarulhos.

As entrevistas ocorreram de forma objetiva com os personagens nas tendas e barracas dos acampamentos. Lá, eles puderam compartilhar sua história de vida e sua cultura, agregando a pesquisa.

Por isso, seguindo as características do radiojornalismo e especificamente do radiodocumentário, o especialista que falou sobre a situação dos ciganos que vivem em São Paulo foi o historiador e escritor do livro “Ciganos no Brasil”, Rodrigo Correa Teixeira.

Também foram entrevistados a cigana Maura Piemonte, presidente da “Associação Cedro e seu povo Cigano”, escolhida como referência para esse trabalho, e José Carlos Silva, representante dos ciganos no estado de São Paulo.

Da mesma forma falaram Carla Angeli, Edvalda Santos, Elizabeth Soares, todos ciganos de origem, além do Nicholas Ramanicchi, Presidente da Embaixada Cigana no Brasil.

Para construir essa abordagem de caráter jornalístico, respeitando a necessidade de ouvir sempre os dois lados de uma história, foram ouvidos profissionais das áreas citadas como a professora Rita Bernarda da Silva, a enfermeira Lucineia Lima, a assistente social Maria Regina Pereira, além da busca pela resposta “oficial” da Prefeitura de São Paulo sobre um dos assuntos abordados pelos ciganos.

Utilizamos o Roteiro Radiofônico (*Script* de rádio) que nos permite planejar o programa, além de indicar os momentos exatos de entrada e saídas de sons que vão fazer com que o radiodocumentário cumpra sua função de informar aos seus respectivos ouvintes.

Foram encaminhadas à ilha de edição todo o conteúdo em estado original, sendo eles: entrevistas com personagens e especialistas, e por fim, o texto do locutor (offs).

As trilhas brancas, que permitem a sonoridade do radiodocumentário, foram escolhidas de acordo com os textos do locutor, havendo a necessidade de intercalar com algumas entrevistas.

O radiodocumentário “Ciganos em São Paulo” tem 15 minutos de duração e pode ser veiculado em programas como: “Noite Total”, da Rádio CBN, além de outras rádios em formato *ALL News*.

A escolha da emissora de rádio justifica-se porque o programa, apresentado por Tania Morales, é especializado em documentários diversos sobre política, cultura

e comportamento. O programa acima é exibido de segunda a sexta-feira, das 21h às 24h, aos sábados, das 22h às 23h e aos domingos, das 23h às 24h.

O público-alvo do radiodocumentário “Ciganos em São Paulo” é formado em sua maioria por mulheres, que representa 18%, entre 21 a 65 anos. Já os homens respondem por uma fatia de 9%, entre 25 a 49 anos.

Foi elaborada uma pesquisa pela internet, onde os entrevistados, puderam mostrar seu interesse em ouvir um radiodocumentário sobre os Ciganos em São Paulo.

Por meio da ferramenta digital “Google Docs”, disponibilizamos entre os dias 13 a 17 de novembro de 2017 uma enquete com a indagação: “Você se interessaria por um radiodocumentário sobre os ciganos?”

Cerca de 69% dos entrevistados responderam que SIM, seguido de 10,3% não e 20,7% talvez. Os resultados da pesquisa podem ser conferidos através dos gráficos abaixo.

Questionamento: Você se interessaria por um radiodocumentário sobre os ciganos?

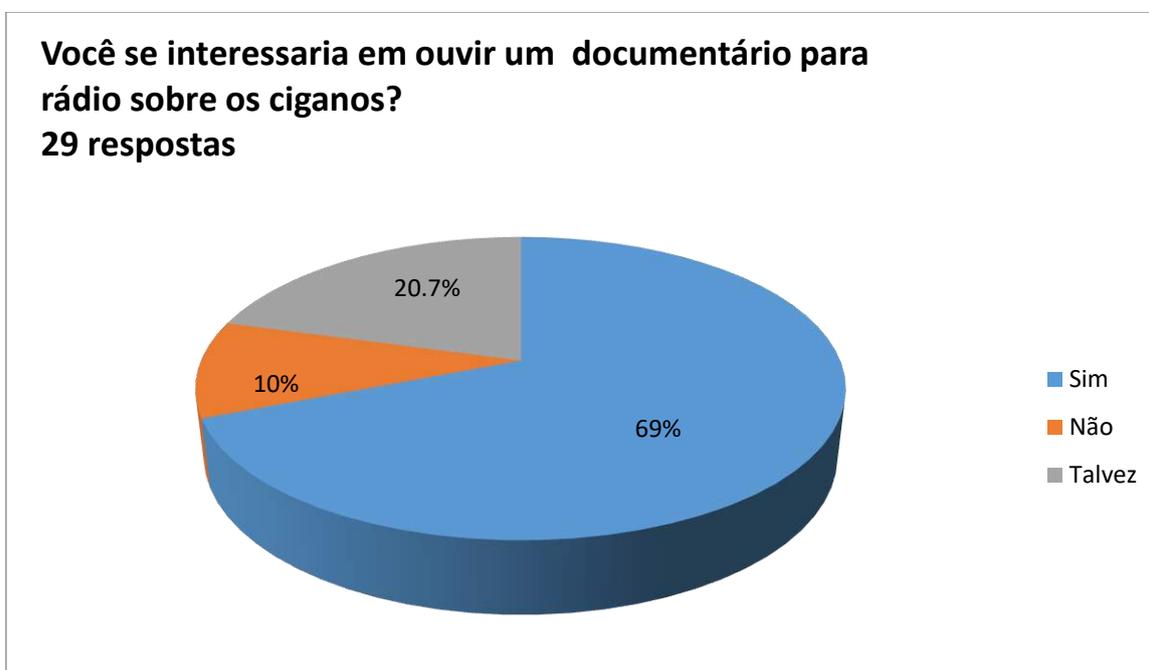


Gráfico 1: Interessados no tema Ciganos em São Paulo.

Questionamento: Qual sua idade?

Qual a sua idade?

29 respostas

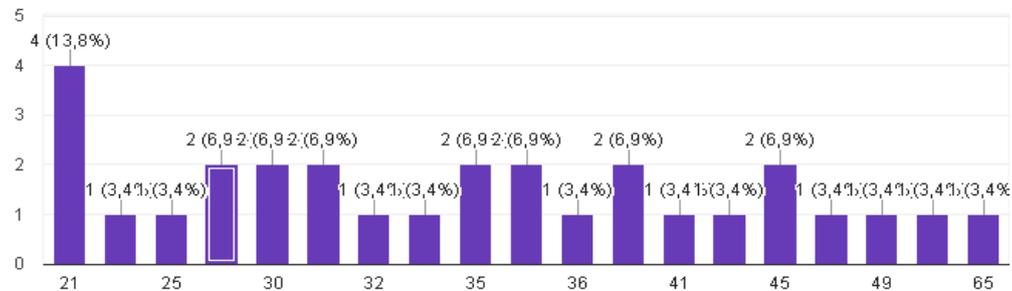


Gráfico 2 - Idade entre os participantes da pesquisa.

Orçamento

O produto final pela tabela do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo ficaria no valor de R\$ 2.304,22 (dois mil, trezentos e quatro reais e vinte e dois centavos) incluindo as pautas, as revisões, a lauda e a edição.

Texto - Pauta - Revisão - Tradução 2017/2018

Reportagem para qualquer mídia - lauda com 1.400 caracteres com espaços (2015/2016)	
Com uma fonte	R\$ 259,73
Com duas ou três fontes (mais 25%)	R\$ 325,62
Com quatro ou mais fontes (mais 50%)	R\$ 391,50
Edição (preço por página)	
Standard	R\$ 266,07
Tablóide	R\$ 192,59
Revista	R\$ 157,10
Veículo Eletrônico (página com 1.400 caracteres, incluindo espaços)	R\$ 334,48
Pauta	
Pauta com até 3 contatos prévios	R\$ 306,61
Pauta com mais de 3 contatos prévios	R\$ 409,24
Revisão	
Preço por lauda com 1.400 caracteres com espaços (por leitura)	R\$ 17,73
Para saber o o preço da revisão por página, multiplique este valor por: 10 para standard - 5 para tablóide - 3 para revista - 1,5 para cartilha (A5). Esses fatores de multiplicação contemplam o número médio de laudas por página com fotos e/ou com ilustrações.	
Tradução	
Tradução por lauda com 1.400 caracteres	R\$ 50,68

Figura 1 - Orçamento

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das informações apresentadas neste trabalho, conclui-se que ainda existem estereótipos e preconceitos de grande parte da população à cultura cigana. Observa-se por meio de bibliografias específicas sobre o tema ciganos e em entrevistas, que o preconceito persiste nesse meio étnico e que a sociedade em geral precisa aprofundar o conhecimento cultural sobre a comunidade aqui tratada.

A forma como os ciganos se vestem, se comunicam e praticam suas crenças produzem uma segregação por grande parte das pessoas que tendem a relutar com o que lhe parece diferente dos seus hábitos e costumes.

Foi exposta também a importância de dar voz a essa classe por meio do radiodocumentário. Mostrou-se que entre os meios de comunicação, o rádio é o veículo de maior alcance, atingindo as mais variadas pessoas.

Por falar às massas, o rádio tem um custo baixo em comparação com outras mídias e tem uma abrangência considerável. Percebeu-se que, por ser portátil, o rádio acompanha os indivíduos aos locais mais longínquos, mesmo onde não há energia elétrica. Uma vez que as ondas radiofônicas se associando a um profissional de jornalismo pautado pela ética e conhecedor da linguagem das técnicas jornalísticas, é possível tentar promover uma reflexão sobre o modo de vida, crenças e cultura cigana.

Por isso, praticar um radiojornalismo que levante questões de interesse público é uma das obrigações do jornalista, que visa contribuir positivamente com o meio em que vive.

Diante das informações citadas acima, entende-se que vencer o preconceito generalizado e já enraizado nas práticas sociais dirigidas ao povo cigano ou qualquer etnia que seja culturalmente menos conhecida, consiste em uma tarefa de longo prazo e empenho de parte da sociedade.

Em sentido oposto, ao observar tradicionalmente o comportamento dos ciganos em relação a sua moradia e migração especificamente, pude constatar que muitas comunidades partem de cidade em cidade, fazendo seus acampamentos de forma irregular. Tal procedimento é considerado um ato criminoso no nosso país, tanto em áreas públicas e ou particulares.

A partir do momento em que os ciganos migram e permanecem por algum tempo em determinada região tem a obrigação de respeitar a Constituição e como

qualquer morador brasileiro, cumprir o que a lei determina. Dentre as obrigações, destaco pagar impostos, possuir documentação de identificação e participar das eleições na localidade em que residem etc.

Sobretudo compreendo que nem todos os ciganos são tratados com diferença e discriminação, mas que como todo brasileiro deve seguir a Constituição, aplicar em sua vida as leis que regem esse país, assim como qualquer outra etnia.

Para compreender essa realidade, foram feitas pesquisas sobre a história e a cultura cigana e entrevistas sobre a adaptação dos povos ciganos ao local em que vivem.

A experiência obtida com este radiodocumentário foi importante, na medida em que pude divulgar a realidade desses grupos que são pouco valorizados e marginalizados pelas grandes massas na sociedade.

Algumas dificuldades foram encontradas ao longo da realização do radiodocumentário. Em sua grande maioria, os personagens não possuem ferramentas de comunicação (e-mail) e endereço fixo, dificultando a localização para as entrevistas. Os ciganos são resistentes a quaisquer tipos de equipamento de captação de imagem ou som, como gravadores e câmeras, e por isso, houve a necessidade de convencê-los sobre a importância do tema, permitindo assim, a realização do projeto.

Por fim, o radiodocumentário - "Ciganos em São Paulo" trouxe à tona um assunto que está adormecido em meios de comunicação, como a valorização das culturas, mesmo elas não inseridas em grupos com pensamentos e tradições e comportamentos em massa. Conclui-se que cada ser humano possui seu valor e sua história deve ser preservada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BAUMWORCEL, Ana. **Radiojornalismo e sentido no novo milênio**. IN: MOREIRA, Sonia Virgínia, DEL BIANCO, Nélia R. Desafios do rádio no século XXI. São Paulo: Intercom, Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CAMPOS, C. C. **Ciganos e suas tradições**. São Paulo: Madras, P. 1999.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa PezzaCintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.

CHANTLER, Paul & HARRIS, Slim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. 2 eds. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

COELHO, F. A. Os **ciganos de Portugal; com um estudo sobre o calão, Lisboa, Dom Quixote**, 1995. (Original: 1892). p. 199-200.

CORNU, D. **Ética da informação**. Bauru (SP): Edusc, 1999.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DEL BIANCO, Nélia. **Cautela, riscos e incertezas na implantação do rádio digital no Brasil**. IN: MOREIRA, Sonia Virgínia, DEL BIANCO, Nélia R. Desafios do rádio no século XXI. São Paulo: Intercom, Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FILHO, André Barbosa. **Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

FONSECA, Isabel. **Enterrem-me em pé: a longa viagem dos ciganos**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FRASER, Angus. **A história do povo Cigano**, Lisboa, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

KARAM, F. J. **Jornalismo, ética e liberdade**. SP: Summus editorial, 1997.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

KLÖCKNER, Luciano. **A edição radiofônica no Brasil: aspectos históricos e técnicos**. IN: FELIPPI, Ângela, SOSTER, Demétrio de Azeredo e PICCININ, Fabiana (org.). Edição em **Jornalismo: ensino, teoria e prática**. Santa Cruz do Sul (RS): Editora da Unisc, 2006.

KLÖCKNER, Luciano. **Fora do ar: o dia em que o Repórter Esso foi censurado**. Disponível em: http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd4/sonora/l_kloner.doc. Acesso em: 20 de fevereiro de 2008.

LABAKI, Almir e MOURÃO. Maria Dora G. **Caderno da 3ª Conferência Internacional do Documentário, distribuído no 8º Festival Internacional de Documentários, sobre o tema “Imagens da Subjetividade”**, realizada pelo Cinusp Paulo Emílio, com patrocínio do Itaú Cultural e do Centro Cultural Banco do Brasil, em SP e RJ, 2003.

LAGE, Nilson, **Estrutura da Notícia**. São Paulo, Ática, 1998.

LAGE, Nilson. **A reportagem. Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2006.

LEACH, Edmund. **Cultura e Comunicação**. Portugal: Edições 70, 1992.

MARTÍ, Josep Maria M. **La programación radiofónica**. IN: MARTÍNEZ-COSTA, Ma Pilar e MORENO, Elsa M. (coords). **Programación radiofônica**. Barcelona: Ariel, 2004.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MOREIRA, Sonia Virgínia. DEL BIANCO, Nélia R. (org.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom, Rio de Janeiro: Uerj, 2001.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Jornalismo na rádio jornal do Brasil**. IN: ORTRIWANO, Gisela Swetlana (Org.). **Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais**. São Paulo: Com-arte, 1987.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.
MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio em Transição: tecnologia e Leis nos Estados Unidos e no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

MORENO, Elsa M. (coords). **Programación radiofônica**. Barcelona: Ariel, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **Os ciganos entre perseguição e emancipação**. Brasília: Sociedade e Estado.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana (org.). **Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais**. São Paulo: Com-Arte, 1987.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Os (des) caminhos do radiojornalismo**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA-USP, 1990.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PIASERE, L., CAMPIGOTTO, A. “**From Margutte to Cingar: The Archeology of an Image**”, in SALO, M. (ed.), 100 Years of Gypsy Studies, Maryland, Gypsy Lore Society, North American Chapter. 1990.

PRADO, Emilio. **Estrutura da Informação Radiofônica**. São Paulo, 1989.

RODRIGUES, Adriano Costa. **Jornalismo nas ondas do rádio: Estudo de caso: análise crítica do programa “o ministério público e a cidadania”**. Universidade Federal do Maranhão. São Luís: [s.n.], 2006.

TEIXEIRA, Rodrigo C. **História dos Ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 4 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

REFERÊNCIAS WEB GRÁFICAS

CAVALCANTI, Hylda. Brasil cigano, formado por mais de 500 mil pessoas, ainda é pouco conhecido. Online. Disponível em <www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/12/brasil-cigano-formado-por-mais-de-500-mil-pessoas-ainda-e-pouco-conhecido-da-grande-populacao-1570.html>. Acesso em: 29 mai 2017.

Ciganos - A roda: vida, tradição, transformação, fé!. Online. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=iLhxlO6e-AQ>>. Acesso em: 29 mai 2017.

Izsák, 2012. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/comunidade-cigana-brasileira-sofre-com-preconceitos-e-restricao-de-direitos-diz-relatora-da-onu/>>. Acesso em: 05 nov 2017.

JOSÉ, Carmen L. Sujeitos na Comunicação. 2015. Disponível em: <<http://www.nhengatu.org/revista/index.php?journal=nhengatu&page=search&op=results>>. Acesso em: 20 mai 2017.

KEESING, Roger M. Theories of Culture Annual Review of Anthropologie. 1974. Disponível em: <www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.an.03.100174.000445>. Acesso em: 29 mai 2017.

NOITE total, São Paulo, CBN, programa de rádio. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/institucional/programacao/programacao/PROGRAMACAO.htm>>. Acesso em: 21 mai 2017.

O povo Cigano no Brasil. Online. 2011 Disponível em: <www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/200917>. Acesso em: 15 fev 2017.

Radiojornalismo e Linguagem: as transformações nos modelos de rádio informativo
Juliana Cristina Gobbi BETTI Mestranda em Jornalismo UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina - Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Radiojornalismo%20e%20Linguagem.pdf>>. Acesso em: 05 nov 2017.

RAMANUSH, Nicolas. Cultura Cigana. Nossa História por nós, Partes I, II e III; embaixada cigana do Brasil “PhralipenRomane 2011 e 2012. Disponível em: <www.embaixadacigana.com.br>. Acesso em: 29 abre 2017.

ANEXOS

ANEXO 1 – A importância do rádio no cotidiano das pessoas:

Os desafios dos profissionais frente às novas tecnologias

A IMPORTÂNCIA DO RÁDIO NO COTIDIANO DAS PESSOAS:

Os desafios dos profissionais frente às novas tecnologias

SANTOS, Braiam Resende

Universidade de Santo Amaro/SP

RESUMO

O presente artigo é sobre a importância do rádio e como ele se faz presente no dia a dia das pessoas. Será abordado também os desafios dos profissionais de rádio para se adequar ao meio de comunicação frente às novas tecnologias. Desde que caiu no gosto do público, o rádio vem se firmando como um espaço de utilidade pública, o qual exerce uma comunicação fundamental para a história da humanidade

Palavras-chave: jornalismo, rádio, internet, comunicação, profissionais, desafio

SUMMARY

This article is about the importance of radio and how it is present in people's daily lives. It will also address the challenges of radio professionals to adapt to the medium of communication in the face of new technologies. Since it fell in the public's taste, radio has been established as a space of public utility, which exerts a fundamental communication for the history of humanity

Keywords: Journalism, radio, internet, communication, professional, challenge.

Introdução

O rádio é um dos meios de comunicação mais populares e democráticos do mundo, pois não é preciso ser intelectual ou até mesmo saber ler e escrever para entendê-lo. Ele também é encontrado na casa de qualquer pessoa, seja rica ou pobre.

Tanto a influência externa quanto a interna sofrem adaptações à realidade regional, uma vez que o rádio tem extremo potencial comunitário. Este veículo de comunicação de massa é também aquele que mais diminui distâncias. (FERRARETTO, 2007, p.19)

Rodrigues (2006), também ressalta que outra característica importante do rádio é a sensorialidade, que faz com que o ouvinte fique livre para criar em sua mente o relato feito pelo radialista. Porém, tal simplicidade não permite um discurso pobre, nem vulgar, mas deve ser preciso, como explica Jung: “Ser simples, claro e objetivo é usar linguagem coloquial, sem vulgaridade. É falar e escrever de forma que o ouvinte entenda de imediato” (2004, p. 62). Além disso, o ouvinte não precisa parar tudo o que está fazendo para ouvir a programação radiofônica, pois o seu conteúdo pode ser ouvido mesmo se a pessoa estiver fazendo outra atividade, como dirigindo, tarefas domésticas (RODRIGUES, 2006).

Outro ponto importante que merece destaque é que com a convergência das mídias o número de aparelhos eletrônicos nas residências e no dia a dia das pessoas aumentou. E com o acesso a aparelhos multifuncionais, é possível agregar internet, televisão, telefone e rádio em um único dispositivo.

Apesar de muitos acreditarem que com a globalização e o avanço tecnológico a tendência do rádio é desaparecer, esse meio mantém-se interessante para grande parte dos ouvintes. Isso porque ele tem em sua natureza as seguintes características: informativo, instantaneidade, a simultaneidade, a capacidade de estar presente ao mesmo tempo em todos os lugares e a proximidade com as pessoas.

Pesquisa realizada pela Secretaria de Comunicação Social (SECOM) e divulgada pelo “Observatório da Imprensa”, em março de 2014, mostrou que o rádio ainda é um dos veículos de comunicação muito utilizados no Brasil. Dados revelaram que, em geral, 21% dos entrevistados ouvem rádio todos os dias da semana por cerca de 3 horas; com predominância na região Sul do país. Os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul são os que mais possuem ouvintes ativos,

com 27% e 35%, respectivamente. Outros 14% afirmam dar atenção ao rádio pelo menos em cinco dias da semana.

Outro estudo realizado pelo Grupo dos Profissionais de Rádio (GPR), no fim de 2012, traça um panorama dessa mídia e detectou as novas formas de consumo do rádio. De acordo com os índices apresentados, 74% dos entrevistados garantem ouvir rádio frequentemente, o equivalente a mais de 37 milhões de brasileiros. Também foi constatada uma difusão entre as classes sociais, onde os grupos A e B, com 42% de ouvintes, representam o mesmo percentual que a classe C, com 46%. Das pessoas entrevistadas, 81% preferem ouvir rádio em casa, 15% no carro e 9% no local de trabalho.

O aparelho também se faz presente em 83% da frota nacional, conduz motoristas pelas cidades e os mantêm informados sobre os principais fatos do dia.

Segundo artigo elaborado pelo IBOPE Mídia e publicado na revista Rádio e Negócios, no ano de 2010, das 65 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade das regiões metropolitanas e no interior do Sul e do Sudeste, 50 milhões ouvem rádio regularmente. Sendo que desses 50 milhões, 49% são da classe C e 44% têm de 25 a 44 anos de idade.

O artigo também mostra uma preferência dos brasileiros pelas rádios FM, com 70% da população de até 35 anos, das classes A e B, que ficam ligados nessa frequência, enquanto apenas 18% dos ouvintes, entre esses homens e pertencem às classes D e E, se interessam pelas frequências AM.

A mesma pesquisa apontou que há facilidade de se ouvir rádio pela internet, em locais e horários distintos. Entretanto, o rádio ainda é mais ouvido em casa, mesmo diante do grande número de ouvintes de FM no automóvel. Outro dado que o artigo destaca é que os programas mais ouvidos são os de noticiários. Sendo que casos policiais e informações esportivas são mais ouvidas no rádio, enquanto os programas humorísticos e boletins de trânsito destacam-se no rádio FM. Quando se trata de programas musicais as músicas sertanejas e religiosas são as que têm mais espaço no rádio AM e o rock e as músicas eletrônicas têm mais destaque nas FM.

Dados também mostraram que metade da população pesquisada tem o hábito de ouvir rádio todos os dias.

Relatório sobre o Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal do Suplemento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), feita em 2008, a proporção das pessoas que tinham telefone celular para

uso próprio passou de 36,6% para 53,8% da população de dez anos ou mais de idade, sendo que, para 44,7% dessas pessoas, que representa mais de 38 milhões de brasileiros, o celular era o único telefone para uso pessoal.

Diante dos números apresentados acima sobre celulares, é possível entender a grandiosidade de alcance deste veículo de comunicação na vida dos brasileiros.

O rádio está com as pessoas em qualquer lugar e horário. Seja ao acordar, quando se vai para o trabalho ou escola, durante uma espera em consultório, não importa onde. O fato é que o rádio mantém as pessoas informadas e entretém e, desde que caiu no gosto do público, o rádio vem se firmando como um espaço de utilidade pública, o qual exerce uma comunicação fundamental para a história da humanidade, pois, como ressalta André Barbosa Filho, ele “deixa como legado princípios como ação, atuação, transformação e mobilização” (FILHO, 2003, pg. 49).

Devido a essa abrangência e relevância, esse artigo visa abordar a importância do rádio no cotidiano das pessoas e os desafios do profissional de comunicação frente às novas mídias.

1. A história do rádio

Sob o ponto de vista tecnológico, em seu estudo Rodrigues (2006) ressalta que o rádio é um meio simples, capaz de transmitir “desde o protesto de uma comunidade por melhorias no seu bairro até uma reunião de chefes de Estado do mundo todo. O radialista precisa, basicamente, de um gravador e/ou de um aparelho de telefonia celular.” (2006, p. 49)

Para chegar à tecnologia necessária de transmissão, diversos estudos sobre a eletricidade e suas características foram feitos, como explica Jung (2004). Muitos colaboraram para que o rádio se tornasse real, entre eles o professor de física James Clerk Maxwell, quando em 1863 mostrou como a eletricidade se propagava sobre forma de vibração ondulatória. A teoria foi usada 24 anos depois pelo físico alemão Heinrich Rudolf Hertz, e desenvolvida pelo francês Edouard Branly, em 1890, e pelo britânico Oliver Lodge, em 1894. Nessa mesma época, o padre Landell de Moura já havia feito suas primeiras experiências com transmissão e recepção de sons por meio de ondas eletromagnéticas. Jung ainda destaca que há registros de que o padre usou a válvula amplificadora em testes pelo menos dois anos antes do equipamento ter sido apresentado ao mundo pelo americano Lee DeForest. (JUNG, 2004, pg. 14)

Jung explica que, no Brasil, o rádio jornalismo foi introduzido pelo professor Edgar Roquette-Pinto, que lia as notícias mais interessantes do Rio de Janeiro no Jornal da Manhã, uma das primeiras experiências jornalísticas do rádio brasileiro, transmitido, de segunda a sexta, pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a PRA-2.

O programa não tinha hora certa para começar. Ou melhor, tinha: assim que Roquette-Pinto terminasse a leitura dos jornais impressos. Era o tempo de telefonar para o estúdio da emissora e pedir para o técnico colocar a rádio no ar. O próprio Roquette-Pinto lia as notícias. Mal imaginava que seu método contaminaria as redações (JUNG, 2004, p. 12).

Jung (2004) explica, porém, que, em 1922, quando aconteceram as primeiras transmissões oficiais de rádio no Brasil, haviam muitas dificuldades técnicas. Naquele período, era praticamente impossível prever o sucesso para esse meio de comunicação que se supera a cada dia. O autor informa que, mesmo em meio a

ruídos e som da multidão na comemoração do I Centenário da Independência do país, no Rio de Janeiro, Edgar Roquette-Pinto, conhecido como pai do rádio brasileiro, teve a capacidade de antever que aquele som iria provocar uma revolução e, com isso, seria uma forma de levar educação a todos.

O rádio se consolida como o principal meio de comunicação do País nos anos 40, tendo sua chamada “fase de ouro”, com programações voltadas para entretenimento, música e educação.

O período iniciado na década de 1940 é considerado a “época de ouro” do rádio brasileiro, caracterizado por uma programação eclética, com programas de auditório, radionovelas, programas humorísticos, esporte e jornalismo. Antes desse momento, o rádio vivia de grandes experimentações, realizadas por visionários, que buscavam, além de lucro, obviamente, consolidar o veículo como um meio de comunicação ideal. E conseguiram (NEUREBERG, 2012, p. 66).

De acordo com Neureberg (2012, p. 32), os programas humorísticos também tiveram destaque na década de 1940. Além disso, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em 1941, em virtude II Guerra Mundial, por meio do Repórter Esso, deu as principais notícias do Brasil e do mundo e continuou esse trabalho por 27 anos.

Neureberg explica que a fase de decadência do rádio se deu entre 1955 e 1970, pois com a chegada da televisão, em 1950, o rádio perde seu elenco de artistas e, também seus anúncios.

Porém, Neureberg também ressalta que foi nesse período que o rádio ganhou mais credibilidade frente à TV, pois se firmava com a produção de material de qualidade no jornalismo, no esporte e na prestação de serviços, como explica o autor:

O rádio aprendeu a trocar os astros e estrelas por discos e fitas gravadas, as novelas elas notícias e as brincadeiras de auditório pelos serviços de utilidade pública. Foi se encaminhando no sentido de atender às necessidades regionais, principalmente ao nível de informação. ” (NEUREBERG, 2012, p. 35)

Na década de 1970, com a implementação do regime militar, entra-se na fase de privações no jornalismo, embora, na área tecnológica, o rádio teve êxito e pôde se reestruturar.

Segundo Neureberg (2012, p. 47), o público segmentado foi a “carta na manga” do rádio nos anos de 1980, tanto em AM e FM. O autor cita como exemplo a Rádio Mulher, de São Paulo, uma das pioneiras, que entrou no ar em 1969, e trazia programação com moda, horóscopo, música romântica, entre outras. As agências de produção radiofônica também tiveram destaque nos anos 80, pois elas produziam programas variados e vendiam as gravações para as emissoras menores.

Nessa mesma década, apareceu o formato all News que, em 1991, se consagrou com a entrada no ar da CBN, do Sistema Globo de Rádio, que é destaque neste formato até hoje.

O rádio, a partir da década de 1990, também se tornou um instrumento importante de evangelização pelas igrejas evangélicas, que transmitiam programação exclusivamente religiosa, como exemplifica o autor:

Um exemplo é a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977 pelo bispo Edir Macedo. No mesmo ano, o bispo alugou dez minutos diários na Rádio Metropolitana, do Rio de Janeiro. No início da década de 1980, já somavam duas horas. Dois anos depois, a Universal compra a Rádio Copacabana, no Rio. O império chegou a outros países e à TV Record de Televisão, adquirida em 1990. No final da década, a igreja montou uma segunda cadeia de TV, a Rede Família. Atualmente, as ações da igreja estão inclusive na Internet, com site e Twitter e até mensagens de fé pelo celular. A Rede Aleluia, dessa igreja, que teve início com 17 afiliadas, conta atualmente com mais de 64 emissoras localizadas em todas as regiões, abrangendo uma área correspondente a 75% do território nacional (NEUREBERG, 2012, p. 51 e 52)

De acordo com Neureberg (2012, p.81), foi no século XXI passaram a existir as rádios pela Internet, que expandiram o meio de comunicação tanto para os aparelhos convencionais, como também para celulares, MP3, MP4, tablets.

Com as rádios na web, há uma reinvenção do rádio que passa a fazer parte da era da convergência, na qual, cada vez mais, as mídias assemelham-se na

Internet. Pois, da mesma forma que o portal jornalístico apresenta áudio e imagem, o rádio apresenta texto, foto e vídeo, além do áudio. Além disso, com a presença cada vez mais dinâmica das redes sociais há muita mudança no cenário da comunicação, como cita Ferrareto:

(...) na atualidade, o novo rádio tende a não se limitar à definição de meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas. Trata-se, no plano conceitual, de ampliar esta ideia e, mesmo, abolir a tendência à demarcação de fronteiras, anteriormente claras, mas agora cada vez mais difusas. (...) Sob a influência de novas modalidades suscitadas pelo avanço tecnológico, constitui-se como rádio aquilo a que o ouvinte atribui esta caracterização, aquilo que ele necessita, que identifica e utiliza como tal. (FERRARETO, 2010, p.47 e 49)

E apesar da evolução tecnológica em todas as mídias, diferentemente do que muitos pensam, que o rádio está perto do fim, o meio de comunicação tem a capacidade de transformar-se de modo acelerado tentando acompanhar os benefícios das novas tecnologias, a exemplo da digitalização” (BARBOSA, 2003, p. 14).

2. Os desafios do jornalista de rádio

O jornalista é responsável por informar a sociedade e “o rádio contribui para que as pessoas adquiram informações, formem sua visão crítica e interfiram nos destinos da sociedade de que fazem parte” (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 14).

Para tanto Prado (1989) ressalta que o jornalista deve expor dados necessários para que o ouvinte forme sua própria opinião. E “deve-se fazer um esforço para que o áudio possa estar em condições de ser transmitido sem nenhum retoque” (PRADO, 1989, p. 60).

A seguir, Jung explica quais os pontos principais que o jornalista deve considerar no exercício da comunicação por meio do rádio:

Primeira: o ouvinte costuma julgar o todo pela parte. Com base em apenas um segmento do programa, uma entrevista ou um comentário, ele constrói a imagem do jornalista e da rádio. Portanto, não basta um bom redator, um repórter de qualidade ou um âncora famoso. A emissora é resultado do trabalho de equipe, com cada um assumindo responsabilidades e desempenhando sua função da melhor maneira possível.

Segunda: quem sintoniza uma rádio comprometida com a informação quer saber o que acontece de mais importante naquele exato momento. O quadro tende a se agravar à medida em que a busca de notícias pela internet se torna comum. O ouvinte pretende “acessar” a informação no rádio com a mesma facilidade encontrada em um portal de notícias. Nesse contexto, estar atento às demandas da audiência se torna fundamental, sem perder de vista a ideia de que fatos interessantes ao público nem sempre são de interesse público. Estes últimos devem prevalecer sobre os demais.

Terceira: a constatação de que o rádio tem audiência rotativa, obrigando o jornalista a ser redundante, sem ser repetitivo. Sempre que uma entrevista se prolongar, procure situar o ouvinte resumindo em uma ou duas frases o tema que está sendo tratado. Relembre o nome e o cargo do entrevistado. Repita a estratégia ao fim da conversa. ” (JUNG, 2012, p. 40 e 41)

A linguagem para esta mídia também tem suas particularidades. Por seu estímulo ser pela audição, a oralidade, o som e a ambientação são os pontos centrais no rádio. Jung (2004) esclarece que ela deve ser simples e objetiva; deve-se usar a locução coloquial, sem vulgaridade. Prado (1989) acrescenta que é necessário falar e escrever de forma que o ouvinte entenda de imediato, sem termos complexos, para facilitar a compreensão de um texto. A clareza é apontada como uma das principais características da redação radiofônica.

O rádio disputa a atenção do ouvinte com o que está ao seu redor; portanto, cada vírgula é importante na construção do texto radiofônico. Como reforço, o rádio se dispõe de efeitos sonoros, estimulando a imaginação, com a tentativa do ouvinte de visualizar o que o locutor narra. Com eles, a música e o escrita adequada, a notícia radiofônica faz com que o ouvinte transforme as “imagens sonoras” em “imagens visuais”. Segundo MCLEISH (2001), quem faz textos e comentários para o rádio deve escolher as palavras de modo a criar as devidas figuras na mente do ouvinte.

Cyro César (2005) reforça as características da linguagem no rádio dizendo que a voz é o elemento primordial na comunicação desse veículo, fala que para usar a música deve-se atentar à estética do que se apresenta, os efeitos sonoros complementam a cena no áudio e aponta para o silêncio como o aspecto conclusivo dos sentidos, para a compreensão da mensagem.

Na incumbência de criar imagens mentais, a linguagem do rádio se vê na obrigação de transportar o ouvinte para o lugar dos acontecimentos através do locutor. Nesse momento, o locutor/repórter radiofônico se transforma, segundo PAIVA (2002, p.553), nos “olhos de quem escuta”, estabelecendo uma relação de identificação com o ouvinte, onde a presença do locutor/repórter é o atestado de autenticidade do acontecimento narrado. É sobre essa relação de identificação que se constrói a credibilidade do rádio. Esta relação de credibilidade e identificação está fundada na emoção, manifestada na transmissão do acontecimento pelo locutor para o ouvinte, que “cria uma relação sensitiva que se amplia para um sentimento de proximidade, de compartilhamento (mesmo universo de sentidos)” (PAIVA, 2002, p.559).

Jung (2012, p.9) destaca que usar o rádio com competência, explorando os recursos e o alcance — principalmente hoje, com as emissoras atuando em rede, conectadas à internet — pode se transformar em interessante política de

comunicação para empresas, abrindo uma linha direta com o público, interno e externo. Essa ideia se aplica, também, àqueles que acreditam ser possível fazer jornalismo no rádio com qualidade equivalente à de outros veículos, direcionado a um público fiel, que "enxerga" no âncora ou comunicador o companheiro, o amigo, o conselheiro que diariamente conversa com ele ao "pé do ouvido":

Comunicar é tornar comum, ligar e unir, entre tantos outros sentidos encontrados nos dicionários. Para aproximar emissor e receptor, com o rádio como meio de transmissão, é fundamental trabalhar para que todos os elementos do processo de comunicação tendam para um ponto em comum tornando a informação mais convincente, mesmo que o ouvinte não tenha memória de elefante (JUNG, 2012, p. 11)

Jung (2012) explica que, saber lidar com as diferenças e com os conflitos éticos quando o assunto é política é fundamental para o profissional de rádio. Por isso, no ano de 1997, o Sistema Globo de Rádio criou um manual de condutas e princípios que se transformou em lei, logo após a veiculação de um editorial em todas as emissoras do grupo; mesmo nas que não tinham tradição jornalística. O manual reúne doze regras em defesa da isenção e da honestidade na cobertura eleitoral, que, conforme o autor explica, são:

Âncoras, repórteres, narradores e comunicadores não devem fazer comentários que possam influenciar a opinião pública quando noticiarem fatos políticos, eventos de campanha e pesquisas. Esses profissionais não podem se envolver pessoalmente, direta ou indiretamente, com qualquer esforço de candidatura;
Não teremos repórteres setoristas de partidos ou candidatos; Profissionais do Sistema Globo de Rádio não podem viajar a convite de partidos ou candidatos. Quando o profissional for escalado para a cobertura, todas as despesas correrão por conta da empresa;
Na cobertura de comícios, passeatas, shows e eventos só podemos divulgar estimativas sobre a presença de público atribuídas aos organizadores em conjunto com uma fonte independente, como a Polícia Militar, por exemplo;

É proibido ceder, para candidatos ou partidos, material gravado pelo Sistema Globo de Rádio;

Terão que deixar a empresa funcionários que trabalhem para governos, políticos, partidos ou candidatos. Os executivos da empresa poderão tirar licença sem remuneração para se candidatar. Caso sejam eleitos, terão que se desligar da empresa;

Jornalistas, radialistas, âncoras, comunicadores, narradores e comentaristas apontados como pré-candidatos pela imprensa ou qualquer outra fonte terão que esclarecer formalmente sua situação junto à direção do Sistema Globo de Rádio. Se confirmarem a informação, terão que se desligar da empresa. Caso neguem, terão que enviar carta desmentindo a informação ao responsável pela divulgação, com cópia à direção da empresa;

Os funcionários que se desligarem para trabalhar em campanhas políticas não poderão voltar ao trabalho na empresa antes do prazo estipulado pela direção;

Os funcionários do Sistema Globo de Rádio não poderão ter sua imagem identificada com políticos ou partidos;

No período eleitoral, candidatos não podem ter espaço em debates ou entrevistas que não tenham a eleição como assunto primordial. E mesmo fora desse período os políticos não podem ter lugar cativo na programação. É permitida a participação eventual, desde que haja rodízios entre políticos de diferentes partidos e tendências;

A empresa não permitirá que comunicadores, âncoras, narradores e repórteres façam referências que possam ser interpretadas como apoio ou declaração de voto a qualquer candidato ou partido;

Estão proibidas citações do tipo "E o time de fulano de tal" ou "Um abraço para beltrano que estão nos ouvindo agora". Ao divulgar essas normas, a empresa e seus funcionários assumem compromisso com o público, que se torna fiscal dessa conduta. Ao mesmo tempo em que o jornalista se expõe, transmite a imagem de que exerce seu trabalho de maneira transparente, e tende a conquistar a confiança do ouvinte. (JUNG, 2012, p. 35)

Jung (2012) também alerta que o estudante de jornalismo que se prepara para trabalhar em rádio está atrasado, pois o veículo estudado a partir das ondas

hertzianas, dos aparelhos de transistor, construído por Landell de Moura e Roquette-Pinto, no qual o som é prioridade, já é passado. O rádio sempre vai existir — até que provem o contrário —, mas com outro formato. Já estamos sob o impacto das mudanças proporcionadas pela internet. Isso porque as reportagens não precisam mais ser transmitidas por linha telefônica, estão comprimidas em arquivos que trafegam na intranet. A edição digital torna o trabalho mais rápido. Da rua, portando um notebook, o próprio repórter é capaz de escrever a matéria, escolher o trecho das entrevistas que irá ao ar, gravar o texto e, conectado na rede, gerar para a emissora a reportagem editada.

O rádio, interativo de nascença, fortalece a relação com o público. O âncora apresenta o programa diante do correio eletrônico, aberto às mensagens e interferências dos ouvintes, quase que imediatas. A entrevista mal começa e já chega a primeira pergunta pelo ouvinte. O entrevistado escorrega, e vem a crítica. O apresentador se engana, e a correção aparece. E assim, internauta ou ouvinte, conectado à internet, transforma-se em protagonista (JUNG, 2012, p. 43).

O autor também afirma que a internet abduziu os veículos impressos, tomou o rádio e começa a consumir a televisão. Na convergência as mídias não desaparecem — somam-se e impõem desafios ao jornalista. Uma rádio não é apenas uma rádio. Na rede, o internauta busca texto, foto e imagem. E tudo tem de estar acessível.

De acordo com Jung, hoje, se for considerada a configuração do produto final, a internet tem agido mais como um potencializador das características essenciais do rádio, mas com variações narrativas e de suporte. No entanto, as mutações se estabelecem de maneira muito intensa nas rotinas de quem produz a informação. “[...] em todas as etapas do processo de comunicação, inclusive a que se refere à produção de conteúdo, o rádio da era da internet não é mais o mesmo de antes do surgimento e da consolidação da rede mundial de computadores” (FERRARETTO, 2009, p. 02).

Barbosa Filho (2009), explica que tendo em vista o moderno o rádio ainda está hesitante, pois a televisão lhe tirou a maior parte da publicidade, investimentos, profissionais e ideias. Alguns setores mantiveram-se de forma até tradicional, como é o caso do jornalismo, música, prestação de serviço e transmissões esportivas. O meio ainda vive um processo de modernização, e as maiores emissoras são as que têm mais lucros devido, investimentos em tecnologia, enquanto as menores

padecem por falta de apoio e recursos. Apesar disso o rádio tem mostrado soluções inteligentes para conseguir respeito e audiência do público, haja vista suas qualidades que foram comprovadas com o passar do tempo, como a credibilidade, alcance e riqueza de linguagem. O rádio está se transformando em objeto de multimídia ganhando espaço em sites na internet.

Considerações finais

O rádio está presente em 96% do território nacional, feito que nenhum outro meio de comunicação consegue equiparar, com um público de noventa milhões de ouvintes, esse meio de comunicação hoje atinge todas as camadas da sociedade, desde as grandes metrópoles até os locais mais afastados e ermos do país.

A comunicação feita pelo rádio é importante porque é um dos veículos de maior alcance que chega aos mais diversos públicos. Ele tem grande aceitação, seja pelo rico, pelo pobre, para o que tem conhecimento elevado ou não, ele é totalmente democrático.

Por ser um meio portátil, ele pode acompanhar as pessoas aos locais mais remotos, sendo, muitas vezes, o único contato com os meios de comunicação. Ele está presente nos presídios, hospitais, dentro de veículos e até mesmo com moradores de rua. O rádio, assim como o jornal, a revista, a emissora de televisão e o portal de notícia da internet, ferramenta da democracia, que garante à sociedade a liberdade de expressão.

Uma das características do rádio é a proximidade com o ouvinte, a conversa direta com o cidadão. O público se identifica com a emissora da cidade e com o radialista de plantão. Tem no âncora a figura que, diariamente, divide emoções e faz companhia, seja pelo rádio sobre a pia, no painel do carro ou no computador do escritório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

BARBEIRO, Heródoto. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet**. São Paulo: Elsevier – Campus, 2003.

CÉSAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: SUMMUS, 2005.

FERRARETTO, Luiz Artur. **O rádio e as formas do seu uso no início do século XXI: uma abordagem histórica**. In: MAGNONI, Antonio Francisco; CARVALHO, Juliano M. de. (Org.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Ed. Senac, 2010.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 3ª edição, 2007.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2004. MA.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**. São Paulo. SUMMUS, 2001.

NEUREBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias**. Cruz das Almas. Bahia: UFRB, 2012.

PRADO, Emilio. **Estrutura Da Informação Radiofônica**. São Paulo. SUMMUS, 1989.

PRADO, Magaly. **Produção de rádio: um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

_____ **História do Rádio no Brasil**. São Paulo. Da Boa Prosa, 2012.

RODRIGUES, Adriano Costa. **Jornalismo nas Ondas do Rádio: Estudo de caso: Análise crítica do programa “O Ministério Público e a Cidadania”**. São Luís, Universidade Federal do Maranhão, 2006.

TEIXEIRA, Rodrigo C. **História dos Ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

Referências webgráficas:

Consumo de produtos, serviços e mídia, estilo de vida e características Grupo de Mídia. Disponível em: <http://www.gm.org.br/http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517&id_pagina=1>. Acesso em: 20 jun 2017.

IBGE. De 2005 para 2008, acesso à Internet aumenta 75,3%. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517&id_pagina=1>. Acesso em: 20 jun 2017.

Metodologia - Target Group Index: estudo “single source” sobre hábitos, atitudes Pesquisa Mídia Dados. Disponível em: <<http://midadados.digitalpages.com.br/home.aspx>>. Acesso em: 20 jun 2017.

Projeto Inter-Meios. Disponível em: <<http://www.projetointermeios.com.br/>>. Acesso em: 20 jun 2017.

Rádio e Negócios. Acessível em: <<http://www.radioenegocios.com/sub/radio.php>>. Acesso em: 20 jun 2017.

Sociodemográficas. Amostra: 19.456 entrevistas. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=IBOPE+M%EDdia&docid=C59AA2F44F793C88832577F5006F0C5E>>. Acesso em: 20 jun 2017.

Anexo 2 - Lauda

TÉC	SOLTA TRILHA VIOLÃO – SOBE SOM DE 3” E <u>VAI A BG (1)</u>
LOC	FORMADO POR MILHARES DE PESSOAS EM TODO O MUNDO, O POVO CIGANO POSSUI UMA GRANDE REPRESENTATIVIDADE CULTURAL NO BRASIL.// ATUALMENTE, ELES ESTÃO NA MÚSICA, NAS RUAS E ATÉ INFLUENCIAM NAS ROUPAS E ACESSÓRIOS, PRINCIPALMENTE FEMININOS.// SAIAS RODADAS E COLORIDAS, DENTES DE OURO E MUITAS PULSEIRAS NOS BRAÇOS.// ESTÃO NAS GRANDES METRÓPOLES E EM LOCAIS PÚBLICOS.// FAZEM LEITURA DE MÃO, DANÇAM E NÃO ESCONDEM SEU JEITO DE VIVER.// E ISSO NÃO EXCLUI O SUCESSO, MESMO QUANDO A PROFISSÃO LEVA A CULTURAS DIFERENTES DA CIGANA.// UM EXEMPLO DISSO É A DUPLA YAGO E SANTHIAGO, QUE PERCORREU UM LONGO CAMINHO ATÉ CHEGAR AO ESTRELATO, NA MÚSICA SERTANEJA.//
TÉC	SOBE SOM XXXXX TRILHA: MOTO TÁXI – CD YAGO E SANTHIAGO FX 1 <u>(VAI A BG)</u> INÍCIO: 00:00 – 00:45 TEMPO: 00:45

LOC	UMA HISTÓRIA DE LUTA, PRECONCEITOS E MUITOS DESAFIOS. // NAS LETRAS DE CADA CANÇÃO, MENSAGENS DE AMOR. //
TÉC	SOBE SOM TRILHA PORRE DA DOR- CD YAGO E SANTHIAGO – VAI A BG (2)
LOC	ATRAVÉS DAS VOZES MARCANTES, A DUPLA CONQUISTOU MILHARES DE FÃS PELO BRASIL. // SEGUNDO MAURA PIEMONTE, MÃE DOS CANTORES, O SUCESSO ACONTECEU GRAÇAS A UM OLHEIRO DE UM PROGRAMA DE TV. //
TÉC	SONORA COM MAURA (EXPLICA SUCESSO DA DUPLA) INÍCIO: 16:30 - “UMA PESSOA VIU...” FIM: 16:50 - “MÚSICA PARA OS MEUS FILHOS...” TEMPO: 00:23
TÉC	SOBE TRILHA INFORMAÇÃO - 2” - VAI A BG (3) – (EM TODAS AS LOCUÇÕES)
LOC	NA ESTRADA HÁ MAIS DE 18 ANOS, A MÃE TAMBÉM LEMBRA QUE O MAIOR DESAFIO DA DUPLA FOI LIDAR COM O PRECONCEITO POR SEREM CIGANOS. //

TÉC	<p>SONORA COM MAURA (EXPLICA PRECONCEITO VIVIDO PELA DUPLA)</p> <p>INÍCIO: 17:53 - “MAS O RACISMO...”</p> <p>FIM: 17:57 - “UM DIA QUEM SABE...”</p> <p>TEMPO: 00:16</p>
LOC	<p>OS PAIS, MAURA E CARLOS, AINDA PRESERVAM E SEGUEM AQUILO QUE OS SEUS ANTEPASSADOS PREGAVAM. // ELES PERTENCEM AO GRUPO CALON, COMO EXPLICA CARLOS SILVA. //</p>
TÉC	<p>SONORA COM CARLOS (EXPLICA DIFERENÇA ENTRE CALOM E ROM)</p> <p>INÍCIO: 06:04 - “O CALON NORMALMENTE...”</p> <p>FIM: 06:14 - “E OUTRAS LENDAS MAIS...”</p> <p>TEMPO: 00:10</p>
LOC	<p>MAURA É PRESIDENTE DE UMA ASSOCIAÇÃO QUE REPRESENTA E DEFENDE OS INTERESSES DOS CIGANOS EM SÃO PAULO. //</p>
TÉC	<p>SONORA COM MAURA (EXPLICA O TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO)</p> <p>INÍCIO: 01:34 - “EU TENHO UMA ASSOCIAÇÃO...”</p> <p>FIM: 01:46 - “COMUNIDADES TRADICIONAIS...”</p> <p>TEMPO: 00:11</p>

LOC	ENTRE MUITAS REGRAS DESTA CULTURA, UMA SE DESTACA. //
TÉC	<p>SONORA COM MAURA (EXPLICA REGRAS DE CONVÍVIO)</p> <p>INÍCIO: 02:51 - “MINHA FILHA CASAR VIRGEM...”</p> <p>FIM: 03:17 - “BEM RESTRITO...”</p> <p>TEMPO: 00:26</p>
TÉC	<p>SOBE TRILHA INFORMAÇÃO - 2” - VAI A BG (3) – (EM TODAS AS LOCUÇÕES)</p>
LOC	<p>SEGUNDO OS CIGANOS QUE VIVEM EM SÃO PAULO, ELES LUTAM PARA PRESERVAR A CULTURA, PASSADA DE GERAÇÃO A GERAÇÃO...// MAS AGORA, ENFRENTAM UMA AMEAÇA: A INVASÃO DA RELIGIÃO EVANGÉLICA NOS ACAMPAMENTOS.// A CONQUISTA DE MAIS ADEPTOS A CADA DIA É REFLEXO DO CRESCIMENTO DOS EVANGÉLICOS EM TODO O PAÍS.// UM ESTUDO DIVULGADO RECENTEMENTE PELO DATAFOLHA MOSTRA QUE O NÚMERO DE ADEPTOS NO BRASIL CHEGA A 29 PORCENTO DO TOTAL, SETE PONTOS PERCENTUAIS A MAIS DO QUE MOSTROU O CENSO 2010 DO IBGE.// A CIGANA CARLA ANGELI SILVA, DIZ QUE O TRABALHO DOS EVANGÉLICOS É POSITIVO MAS É PRECISO TOMAR ALGUNS CUIDADOS.//</p>

TÉC	<p>SONORA COM CARLA PIEMONTE (EXPLICA SOBRE OS EVANGÉLICOS)</p> <p>INÍCIO: 00:00 - “A IGREJA EVANGÉLICA ENTRA NO ACAMPAMENTO...”</p> <p>FIM: 00:18 - “ABANDONANDO A CULTURA E A LEITURA DE MÃO...”</p> <p>TEMPO: 00:18</p>
LOC	<p>MAS É COM A LEITURA DE MÃOS, QUE AS MULHERES CIGANAS CONSEGUEM RENDA PARA PAGAR SUAS CONTAS. // E A CIGANA ELIZABETE SOARES FALA QUE A LEITURA DE MÃOS É UM DOM ADQUIRIDO COM A EXPERIÊNCIA E QUE NEM TODAS AS MULHERES PODEM TER.//</p>
TÉC	<p>SONORA COM ELIZABETE SOARES (EXPLICA SOBRE LEITURA DE MÃO)</p> <p>INÍCIO: 00:00 - “ISSO É UMA SABEDORIA...”</p> <p>FIM: 00:19 - “ALGUMAS QUE TEM ESSA INTELIGÊNCIA...”</p> <p>TEMPO: 00:19</p>
LOC	<p>MAS, MUITAS PESSOAS NÃO ACREDITAM NESTE DOM.//</p>
TÉC	<p>SONORA COM FALA POVO (FALA OPINIÃO SOBRE LEITURA DE MÃO)</p> <p>INÍCIO: 00:00 - “EU RESPEITO QUALQUER RAÇA...”</p> <p>FIM: 00:49 - “MAS EU RESPEITO...”</p> <p>TEMPO: 00:49</p>
LOC	<p>OUTRA DIFERENÇA NAS TRADIÇÕES CIGANAS É A FORMA DE</p>

	<p>MORADIA. // VIVER EM TENDAS E BARRACAS, EM VÁRIOS ESTADOS E CIDADES DIFERENTES, PARA MUITAS PESSOAS, É ALGO COMPLETAMENTE IMPENSÁVEL, MAS NÃO PARA ELES. /A CIGANA ELIZABETE SOARES NOS CONTA O MOTIVO DA INSTALAÇÃO EM MORADIAS ITINERANTES. /</p>
TÉC	<p>SONORA COM ELIZABETE SOARES (FALA QUE GOSTA DE DE MORAR ACAMPAMENTO)</p> <p>INÍCIO: 00:00 - “NÓS ANDÁVAMOS PELA RUA...”</p> <p>FIM: 00:14 - “SEMPRE GOSTAMOS...”</p> <p>TEMPO: 00:14</p>
LOC	<p>O PROBLEMA É QUE ESSE ASPECTO DA CULTURA CIGANA GERA DIFICULDADES DE ESTRUTURA. / EDVALDA SANTOS, RELATA AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS GRUPOS CIGANOS NOS ACAMPAMENTOS. //</p>
TÉC	<p>SONORA COM EDVALDA SANTOS (EXPLICA AS DIFICULDADES DE ACAMPAMENTO)</p> <p>INÍCIO: 00:00 - “AS DIFICULDADES NO ACAMPAMENTO É...”</p> <p>FIM: 00:32 - “É MUITO COMPLICADO...”</p> <p>TEMPO: 00:32</p>
LOC	<p>PROCURADA PARA COMENTAR AS CONDIÇÕES DA POPULAÇÃO CIGANA, A PREFEITURA DE SÃO PAULO, POR MEIO DE NOTA, SE</p>

	<p>LIMITOU A DIZER: ABRE ASPAS – AINDA NÃO HÁ POLÍTICA PÚBLICA ESPECÍFICA PARA CIGANOS NA SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA E QUE ELES PODEM, COMO QUALQUER POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE ITINERÂNCIA OU TRADICIONAL, PROCURAR PROGRAMAS QUE O CONTEMPLAM. – FECHA ASPAS.//</p>
TÉC	<p>SOBE TRILHA INFORMAÇÃO - 2” - VAI A BG (3) – (EM TODAS AS LOCUÇÕES)</p>
LOC	<p>OUTRO DESAFIOS É A EDUCAÇÃO PARA AS CRIANÇAS CIGANAS. // SEGUNDO OS PAIS, EM ALGUMAS ESCOLAS, O PRECONCEITO CHEGOU A CASOS EXTREMOS, E HOUE ATÉ A NECESSIDADE DE MUDAR O ALUNO PARA OUTRA UNIDADE EDUCACIONAL. //</p>
TÉC	<p>SONORA COM MAURA PIEMONTE (EXPLICA SOBRE PRECONCEITO EM ESCOLAS)</p> <p>INÍCIO: 18:00 - “JÁ TIVE QUE TROCAR VÁRIAS VEZES...”</p> <p>FIM: 18:21 - “CRIANÇAS DE RELIGIÃO AFRICANA...”</p> <p>TEMPO: 00:21</p>
LOC	<p>POR OUTRO LADO, AS ESCOLAS DIZEM QUE RECEBEM TODOS OS ALUNOS DE FORMA INCLUSIVA, COMO EXPLICA A PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL, RITA BERNARDO DA SILVA.</p>

TÉC	<p>SONORA COM RITA BERNARDA DA SILVA (EXPLICA SOBRE INCLUSÃO DE ALUNOS)</p> <p>INÍCIO: 00:10 - “NÓS ACEITAMOS TODAS ETNIAS...”</p> <p>FIM: 00:35 - “BEM VINDA A NOSSA ESCOLA...”</p> <p>TEMPO: 00:24</p>
LOC	<p>MAS PARA A ATENDENTE SOCIAL MARIA REGINA PEREIRA, QUE PRESTA ATENDIMENTO NO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, O “CRAS”, EM SÃO PAULO, AINDA FALTA EDUCAÇÃO PARA COMBATER O PRECONCEITO. //</p>
TÉC	<p>SONORA COM MARIA REGINA (EXPLICA SOBRE NECESSIDADE DE EDUCAÇÃO)</p> <p>INÍCIO: 01:03 - “EXTREMA VULNERABILIDADE...”</p> <p>FIM: 01:12 - “AUXÍLIO DO GOVERNO...”</p> <p>TEMPO: 00:30</p>
LOC	<p>A CIGANA MAURA PIEMONTE RELATA DESCASOS NO ATENDIMENTO PÚBLICO DE SAÚDE. // O PRINCIPAL MOTIVO, SEGUNDO ELA: SER CIGANA. //</p>
TÉC	<p>SONORA COM MAURA PIEMONTE (EXPLICA SOBRE ATENDIMENTO DE SAÚDE)</p> <p>INÍCIO: 15:18 - “FIQUEI ABANDONADA...”</p>

	<p>FIM: 15:40 - “CAUSA REPULSA...”</p> <p>TEMPO: 00:21</p>
LOC	<p>MAS A DECLARAÇÃO DA CIGANA MAURA É REBATIDA POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE. // ELES GARANTEM QUE NÃO EXISTE RECUSA NO ATENDIMENTO, COMO FALA A ENFERMEIRA LUCINEIA LIMA, DO HOSPITAL DO CÂNCER DE SÃO PAULO. //</p>
TÉC	<p>SONORA COM LUCINEIA LIMA (EXPLICA SOBRE ATENDIMENTO DE SAÚDE)</p> <p>INÍCIO: 01:40 - EXISTE UM CÓDIGO...”</p> <p>FIM: 02:23 – ISSO TÁ NO NOSSO CONSELHO DE ÉTICA...”</p> <p>TEMPO: 00:35</p>
LOC	<p>MARIA REGINA EXPLICA QUE O “CRAS” DA BARRA FUNDA, NA ZONA OESTE DE SÃO PAULO, OFERECE PROJETOS ASSISTENCIAIS PARA VÁRIOS GRUPOS MINORITÁRIOS, COMO OS CIGANOS. //</p>
TÉC	<p>SONORA COM MARIA REGINA (EXPLICA SOBRE PROJETOS DO CRAS)</p> <p>INÍCIO: 01:30 - “LEI ORGÂNICA...”</p> <p>FIM: 02:12 - “PARTE ASSISTENCIALISMO...”</p> <p>TEMPO: 00:38</p>
LOC	<p>JÁ O TRABALHO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL É REALIZADO, EM SÃO</p>

	<p>PAULO, PELA EMBAIXADA CIGANA NO BRASIL. // O FUNDADOR, NÍCOLAS RAMANUCHI, ACREDITA NA LUTA PARA QUE ARTE, OS COSTUMES, AS PRÁTICAS E FORMAS DE EXPRESSÃO CIGANAS SEJAM PROTEGIDAS PARA QUE A IDENTIDADE DESTE POVO SE VIVA. /</p>
TÉC	<p>SONORA COM NÍCOLAS RAMANUCHI (EXPLICA SOBRE MEDIDAS DA EMBAIXADA PARA PRESERVAÇÃO DA CULTURA)</p> <p>INÍCIO: 03:55 - “NÓS DA ONG TRATAMOS DE IDENTIFICAR...”</p> <p>FIM: 04:28 - “DESSA FORMA MANTEREMOS A CULTURA VIVA...”</p> <p>TEMPO: 00:25</p>
LOC	<p>PARA ESPECIALISTAS COMO RODRIGO CORRÊA TEIXEIRA, PROFESSOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA PUC DE MINAS GERAIS, MESTRE EM HISTÓRIA E ESCRITOR DO LIVRO CIGANOS NO BRASIL – UMA BREVE HISTÓRIA, A CULTURA CIGANA NÃO CORRE O RISCO DE ACABAR. //</p>
TÉC	<p>SONORA COM RODRIGO CORREA (EXPLICA SOBRE FUTURO DO CIGANO)</p> <p>INÍCIO: 00:09 - “NÃO CORRE PERIGO...”</p> <p>FIM: 00:53 - “SOBREVIVÊNCIA...”</p> <p>TEMPO: 00:36</p>
LOC	<p>MAS PARA OS CIGANOS, É CERTO QUE A CULTURA VAI SE MULTIPLICAR POR MEIO DAS NOVAS GERAÇÕES. /</p>

TÉC	<p>SONORA COM CIGANOS FALA POVO (EXPLICA SOBRE FUTURO DO CIGANO)</p> <p>INÍCIO: 00:00 - “EU NÃO ACREDITO QUE VA ACABAR...”</p> <p>FIM: 00:42 - “NÃO VAMOS PERDER NOSSA CULTURA...”</p> <p>TEMPO: 00:42</p> <p>((((ENCERRAR INTERLANDO COM MÚSICAS// FALAS CURTAS)))</p>
-----	---

Anexo 3 – PAUTA 1

Repórter: Braiam Resende

Retranca: Conhecendo os Ciganos

Data: 27 de agosto/2017

Marcação: 14h00

Endereço: Praça da República – S/Nº - Centro – São Paulo

Entrevistados: Maura Piemonte, José Carlos da Silva, Carla Angeli Silva, Edvalda Santos e Elizabete Soares.

Telefone: (13) 99635-6016

E-mail: cedroeseupovocigano@hotmail.com

PROPOSTA

Vamos conhecer a rotina dos ciganos através da cultura, religião e modo de vida. Saber os casos de preconceitos que eles vivem e as dificuldades que encontram em grandes centros urbanos, como São Paulo e outros municípios da metrópole e também os problemas enfrentados para a inserção na sociedade em especial, a paulistana.

ENCAMINHAMENTO

A entrevista com a família cigana (Maura Piemonte, José Carlos da Silva) servirá para conhecer o modo de vida dessa cultura no âmbito familiar. Vamos conhecer como a música que está presente nesta família há anos, quebra paradigmas entre os diferentes grupos da sociedade, citando o caso de sucesso dos filhos do casal Yago e Santhiago no mercado.

DADOS

Maura Piemonte é cigana desde quando nasceu. Tem 55 anos, possui 10 filhos, sendo dois famosos no meio da música jovem, tocando sertanejo universitário (Yago e Santhiago). Maura já viveu em vários estados brasileiros, como: Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outros. Trabalha como “oraculista”. Não possui formação acadêmica.

José Carlos da Silva é cigano desde quando nasceu. Tem 65 anos, possui 10 filhos e já viveu em vários estados brasileiros, como: Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outros. Trabalha como cantor de músicas ciganas, jazz, pop e se apresenta em bares e restaurantes de São Paulo e também em eventos dos ciganos.

Carla Angeli Silva é cigana desde quando nasceu. Tem 29 anos já viveu em vários estados brasileiros como: Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outros. Trabalha como “oraculista em praças públicas e dança em eventos particulares. Não possui formação acadêmica.

Edvalda Santos é cigana desde quando nasceu. Viveu em vários estados brasileiros como Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outros.

Elisabete Soares é cigana desde quando nasceu. Viveu em vários estados brasileiros como Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outros.

Calcula-se que existam de 2 a 5 milhões de ciganos no mundo, concentrados principalmente na Europa Central, em países como as Repúblicas Checa e Eslovaca, Hungria, Iugoslávia, Bulgária e Romênia. Durante as andanças pelo mundo, eles influenciaram a cultura de várias regiões. Um bom exemplo vem da Espanha, onde a rica tradição da música e da dança ciganas deu origem ao flamenco.

PERGUNTAS PARA OS CIGANOS

1° Para começar nossa entrevista, explique um pouco sobre o significado dos grupos Calon e Rom.

2° Como é composta a sua família? São 10 filhos ao total? Como foi a criação deles?

3° Explique para nós como é sua rotina.

4° Como você faz para seus filhos terem acesso à educação?

5° Quais são as tradições que ainda são preservadas entre os ciganos?

6° Pode se denominar que o cigano segue alguma religião? Qual é?

7° Porque as mulheres utilizam roupas rodadas e cheias de brilhos?

8° Qual motivo do cigano não ter residência fixa?

9° Existe alguma mensagem que a cultura do cigano traz para as pessoas? Qual seria?

10° É possível ser cigano e seguir alguma religião, mantendo as tradições?

11° Se seus filhos decidirem abandonar as tradições ciganas, existe alguma penalidade por parte dos pais?

12° Quais são as regras de convívio dos ciganos com outras pessoas?

13° Quais os preconceitos que você e sua família já vivenciaram? Conte casos.

14° Qual o estilo de alimentação que vocês possuem?

15° A ação do cigano mais conhecida é a leitura de mãos, além dessa qual outra mais conhecida? Cite casos.

16° Porque as mulheres ciganas leem as mãos das pessoas nas ruas? Existe algum poder espiritual na leitura das mãos?

17° O que é feito com o dinheiro que vocês arrecadam na leitura das mãos?

18° O que faz uma mulher oraculista?

19° Se alguma religião diz que as ações dos ciganos são erradas, como vocês que seguem essa religião, se adaptam? Deixam de fazer alguma ação específica? Exemplo: Evangélicos e Católicos não acreditam na leitura de mãos e oráculos.

20° Como começou a carreira da dupla Yago e Santhiago? Houve rejeição?

21° Como a cultura cigana é difundida pela música que seus filhos cantam?

22° Porque eles decidiram cantar este estilo de música?

23° Existe alguma crítica social por trás de cada letra?

Anexo 4 – PAUTA 2

Repórter: Braiam Resende
Retranca: Entrevista com o Historiador
Data: 01 de setembro/2017
Marcação: 10h00
Endereço: Entrevista feita pelo WhatsApp

Entrevistados: Rodrigo Correa Teixeira
Telefone: (31) 8832-5296
E-mail: rteixeira@pucminas.br

PROPOSTA

Vamos conhecer a história completa dos ciganos. Traçaremos uma linha do tempo com os principais fatos históricos para entender o crescimento da população e os meios onde vivem.

ENCAMINHAMENTO

Vamos entender o histórico completo dos ciganos (surgimento, tipos de divisões na sociedade e adeptos da cultura). O historiador vai nos tipificar os casos mais comuns de ações migratórias da cultura cigana (motivos e locais).

DADOS

Rodrigo Corrêa Teixeira é Professor Adjunto IV no Departamento de Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutorou-se em Geografia (IGC/UFMG), onde também se licenciou em Geografia. É Mestre em História (FAFICH/UFMG) e Especialista em Relações Internacionais (PUC Minas). Atualmente é coordenador do Curso de Relações Internacionais (Campus Coração Eucarístico) e Chefe do Departamento de Relações Internacionais. Entre 2011 e 2017 foi Coordenador Geral do Modelo de Simulação das Nações Unidas para estudantes secundaristas (MINIONU), promovido desde 2000 pela PUC Minas. Entre agosto de 2000 e julho de 2009 foi professor nos cursos de Geografia e Relações Internacionais do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH). Entre 2006 e 2007, coordenou o Curso de História e Cultura Afro-Brasileira, curso de especialização ofertado pelo Programa de Especialização de Professores de Ensino Superior (PREPES) da PUC Minas. Ministrou aulas no mesmo programa entre 1999 e 2008, tendo contribuído para os cursos de Geografia Humana, Estudos Ambientais e Relações Internacionais. Sua tese de doutorado, geopolíticas da África: identidades, saberes e poderes, enfatizou o entrelaçamento entre a Geopolítica e a História Global da África, sob o prisma dos Estudos Subalternos e Pós-Coloniais. É pesquisador do Núcleo de Estudos das Colonialidades (Departamento de Relações Internacionais da PUC Minas). De sua autoria é Ciganos no Brasil: uma breve história (2a ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2009), assim como uma série de capítulos de livros e artigos em periódicos científicos versando, principalmente, sobre Ciganos, África, Oriente Médio.

PERGUNTAS PARA O HISTORIADOR

1° Explique sobre a origem dos ciganos no Brasil.

2° Como se dividem os povos ciganos?

3° Como o poder público pode incentivar a inserção da cultura cigana no país?

4° Você acredita na erradicação da cultura cigana a longo prazo?

5° A cada ano vemos muitas pessoas deixando de lado a cultura cigana e entrando em outro meio social. Qual o motivo desta conversão?

6° Quais os principais motivos para um cigano mudar de região?

Anexo 5 – PAUTA 3

Repórter: Braiam Resende

Retranca: Incentivos da Prefeitura de SP

Data: 02 de setembro/2017

Marcação: 09h00

Endereço: Viaduto do Chá, 15 – Centro de São Paulo

Entrevistados: Secretaria dos Direitos Humanos / AI: Fábio Madeira

Telefone: (11) 3113-9909

E-mail: fsamadeira@prefeitura.sp.gov.br

PROPOSTA

Vamos conhecer se a Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria dos Direitos Humanos, possui algum projeto de inserção cultural para os ciganos.

ENCAMINHAMENTO

Vamos entrevistar o Assessor de Imprensa da Secretaria de Direitos Humanos, Fábio Madeira para falar sobre a falta de políticas públicas específicas para os ciganos possuir algum projeto, vamos conhecê-lo e também entrevistar pessoas no local para saber como elas se beneficiam, no caso específico dos ciganos.

DADOS

A Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania foi criada pelo Decreto Municipal nº 53.685, de 1º de janeiro de 2013, que unificou as atribuições da antiga Secretaria Municipal de Participação e Parceria, da Comissão Municipal de Direitos Humanos e do secretário especial de Direitos Humanos e as transferiu para a nova pasta. A sua missão é aprimorar a articulação e a gestão transversal das políticas de direitos humanos e participação social na Prefeitura de São Paulo, considerando a ocupação do espaço público pela cidadania para o fortalecimento do sentimento de pertencimento à cidade, a partir de dois eixos principais: - Afirmação de direitos, incluindo a desconstrução da cultura de violência e violações, com o fortalecimento da cultura de direitos humanos, e a articulação de políticas para a garantia desses direitos no Município.

- Participação social como método de gestão, com a utilização de mecanismos tradicionais, como conferências e audiências públicas, e formas inovadoras, como diálogos sociais e as novas mídias

PERGUNTAS PARA A SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS

1º Existe algum projeto da Secretaria de Direitos Humanos que garante os direitos dos ciganos, como educação, moradia e saúde?

2º Como a secretaria vê a situação dos ciganos em São Paulo?

3° O que a Secretaria de Direitos Humanos faz para preservar a cultura dos ciganos em São Paulo?

4° Existe algum projeto da Secretaria de Direitos Humanos que garanta os direitos dos ciganos, como educação, moradia e saúde?

Anexo 6 – PAUTA 4

Repórter: Braiam Resende

Retranca: Saúde dos Ciganos

Data: 05 de setembro/2017

Marcação: 16h00

Endereço: Av. Dr. Arnaldo, 251 - Cerqueira César, São Paulo - SP, 01246-000

Entrevistados: Lucineia Lima / Oncologista

Telefone: (11) 98565-5434

PROPOSTA

A enfermeira vai relatar se já presenciou casos de ciganos que não receberam atendimento na área da saúde em hospitais onde já trabalhou, como o A.C. CAMARGO e o Instituto do Câncer de São Paulo Octavio Frias de Oliveira, onde presta serviço atualmente.

ENCAMINHAMENTO

A entrevista com a enfermeira nos permitirá conhecer como é a rotina no atendimento público e privado na saúde em instituições da cidade de São Paulo.

DADOS

Instituto do Câncer de São Paulo Octavio Frias de Oliveira, inaugurado em 6 de maio de 2008, na cidade de São Paulo. É um dos maiores hospitais, especializado em tratamento de câncer da América Latina. Com 112 metros de altura, foi construído em uma área aproximada de 84.000 m² na Avenida Doutor Arnaldo, próximo à Avenida Paulista. O Instituto é um órgão do Governo do Estado de S. Paulo, em parceria com a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, localizado no complexo do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Conta com 499 leitos, sendo 85 de UTI, distribuídos entre 23 pavimentos, dentre os 29 do prédio. Por mês, são realizadas mais de 25 mil consultas médicas, 250 mil exames, 7 mil sessões de radioterapia e 4,5 mil sessões de quimioterapia, além de 600 cirurgias oncológicas. No total, são mais de 50 mil atendimentos mensais. O Icesp conta com o maior parque radioterápico do país. Tem equipamentos de ponta como aceleradores lineares para radioterapia, equipamento de braquiterapia e tomógrafo para simulação de procedimentos.

Anexo 7 – PAUTA 5

Repórter: Braiam Resende
Retranca: Inclusão dos Ciganos na Educação
Data: 01 de setembro/2017
Marcação: 10h00
Endereço: Entrevista via WhatsApp

Entrevistados: Rita Bernarda da Silva / Professora de Educação Infantil
Telefone: (11) 99197-7045

PROPOSTA

A professora de educação infantil vai nos contar como é sua rotina e como são atendidas as crianças ciganas na instituição de ensino onde ela leciona.

ENCAMINHAMENTO

A entrevista com a professora nos permitirá conhecer como são tratadas as crianças de um modo geral, com o foco, nas crianças ciganas. Como é o comportamento, a curiosidade e o trabalho dela mediante a essa diferença cultural.

DADOS

A Escola Estadual Maria Paula Marcondes Domingues fica localizada na Vila Albertina, bairro da zona norte de São Paulo e possui ensino fundamental ao médio mantida pelo governo do Estado de São Paulo em conjunto com a Prefeitura de São Paulo.

PERGUNTAS PARA PROFESSORA

1° A senhora já presenciou casos de rejeição dos alunos pelas crianças ciganas?

2° Já houve algum tipo de preconceito por parte dos alunos, funcionários ou pais de alunos com as crianças ciganas?

Anexo 8 – PAUTA 6

Repórter: Braiam Resende

Retranca: Projetos da Assistente Social

Data: 01 de novembro/2017

Marcação: 16h00

Endereço: Rua Barra da Forquilha, 300 - Barra Funda, São Paulo – SP.

Entrevistados: Maria Regina Pereira / Assistente Social

Telefone: (11) 98756-4107

PROPOSTA

A assistente social vai nos apresentar projetos sociais mantidos pelo C.R.A.S. ([Centro de Referência de Assistência Social](#)) unidade Barra Funda, para grupos minoritários, como os ciganos, e também qual os tipos de atendimentos disponíveis.

ENCAMINHAMENTO

O CRAS possui diversos tipos de serviços voltado a assistência social para todos os tipos de públicos em São Paulo. Desse modo, vamos conhecer quais são eles e como os ciganos podem se beneficiar por este serviço público.

DADOS

O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é a porta de entrada para a Rede Socioassistencial, e funciona como uma unidade básica do Sistema Único de Assistência Social – SUAS. É responsável por executar os serviços, programas e projetos sociais desenvolvidos pelos Governos Federal, Estadual e Municipal.

Instalado prioritariamente em áreas de maior vulnerabilidade, o CRAS é um local público estatal de base territorial. O objetivo do equipamento é prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidade e risco social nos territórios por meio do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários além da ampliação e garantia do acesso aos direitos de cidadania.

Na cidade de São Paulo existem 54 Centros de Referência de Assistência Social onde as famílias podem ser encaminhadas para os mais de 790 Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Rede Socioassistencial da cidade, que visam garantir a oferta de espaços de convivência e socialização para famílias e indivíduos.

Destinado à população que vive em situação de fragilidade decorrente da pobreza, acesso precário ou nulo aos serviços públicos, bem como fragilização de vínculos afetivos (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras), o espaço recebe famílias que começam a ser acompanhadas pelo PAIF-

Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família, de forma particularizada ou coletiva.

PERGUNTA PARA ASSISTENTE SOCIAL

1° Quais os tipos de serviços e atendimento que o CRAS oferece?

2° Como um cigano que não possui endereço fixo pode ser atendido pelo CRAS?

3° Existe algum tipo de acompanhamento dos assistidos por parte do CRAS? Quais são eles e como funcionam?

Anexo 9 – PAUTA 7

Repórter: Braiam Resende
Retranca: Presidente embaixada Cigana no Brasil
Data: 05 de novembro/2017
Marcação: 13h00
Endereço: Entrevista feita pelo WhatsApp

Entrevistados: Nicolás Ramanuch
Telefone: (11) 99743-2449
E-mail: contato@embaixadacigana.com.br

PROPOSTA

Vamos conhecer o trabalho da Embaixada Cigana no Brasil e seu trabalho na preservação cultural deste povo.

ENCAMINHAMENTO

A instituição oferece diversos benefícios ao povo de cultura cigana. Vamos compreender quais são eles e como são aplicados, além das medidas protetivas.

DADOS

A embaixada cigana do Brasil Phralipen Romane é uma sociedade civil sem fins lucrativos, de caráter social e cultural, que objetiva diminuir as diferenças étnicas através da cultura. Somos pessoas imbuídas de um mesmo ideal: o resgate, a manutenção e preservação da cultura cigana (que é nossa própria identidade). Além disso existem as dificuldades relativas a inclusão cultural e a preservação das tradições e do patrimônio cultural que também fazem parte de nossa meta no sentido de: defender, recuperar e valorizar a história e as tradições da nossa etnia, assim como proteger os direitos patrimoniais consuetudinários e o patrimônio cultural e intelectual dos grupos ciganos. Através de planejamentos a entidade desenvolve projetos e ações voltadas para difusão cultural e se coloca como um ponto de encontro entre a cultura dos não ciganos e a cultura cigana. Assim, como também desenvolve projetos voltadas aos não ciganos visando, através da cultura diminuir o preconceito e criar possibilidades de integração social.

Composta por representantes ciganos e colaboradores não ciganos, valoriza o processo de uma sociedade justa. A partir de 2016 nossa organização torna-se membro da Internacional Romani Union (IRU) pois, Nicolas Ramanush Leite é o único empossado como Presidente da Internacional Romani Union da América do Sul.

Anexo 10 – Perguntas Edvalda Santos

1 - Quais as dificuldades de morar em acampamentos?

As dificuldades são de não ter luz e nem água, além de contar com a boa vontade dos outros. Aqui onde eu moro é muito difícil passar o caminhão que recolhe todo o lixo. Muitas vezes, temos que estar procurando autoridades para cobrar este serviço básico. Fora que não temos calçadas e saneamento básico. Eu luto muito pela comunidade e já melhorou em alguns aspectos.

2 - Quais os preconceitos que você já vivenciou?

A gente sofre todos os tipos de preconceitos. Já houve casos em lojas, supermercados, nas ruas e vários outros lugares. Tem pessoas que falam que somos macumbeiras por causa da nossa roupa. Eu não me sinto a vontade com isso. É pura ignorância! Sofremos muito preconceito e não vamos andar com a cabeça baixa.

3 - Porque as mulheres ciganas fazem leitura de mão? Existe algum significado sobre essa pratica?

Isso não é uma pratica, isso é sabedoria e já vem de tradição. É da cultura cigana. Não foi ensinado por ninguém. Já está conosco das raízes, vem dos nossos antepassados e tanto que nem todas as ciganas sabem ler mão e nem cortar baralho. São apenas algumas que tem essa inteligência. Não tem nada a ver com uma prática, ou nasce com esse dom, ou não tem.

4 - Porque as mulheres ciganas devem se casar virgem? Caso não se casem virgens, existe alguma penalidade?

Não existe penalidade! O que acreditamos é que é uma alegria para nossas filhas casarem virgens, principalmente para o marido e também para os pais. Ficamos felizes por isso! Sabemos que é difícil, mas é uma cultura que precisa ser respeitada. Quando elas não se casam virgens, o casal apenas se junta. Não há celebração oficial.

5 - Quais os preconceitos que você já vivencio?

Temos muita raiva dos preconceitos! Isso acontece principalmente quando estamos lendo mão ou cortando baralho. Nossa luta é muito grande. Somos iguais a todos! Não existe ninguém melhor do que ninguém! Gostaria que as pessoas nos respeitassem. Certamente, muita coisa melhoraria.

6 - Quais as dificuldades de morar em acampamentos?

Quando andávamos pelo mundo, achavamos bom! Era nosso destino, nossa cultura e tradição. Mas, no inverno é muito difícil, porque chove muito. Fica difícil cozinhar. Por isso, fazemos barracas. É complicado, pois é tudo muito apertado, sem nenhuma estrutura. São momentos mais difíceis que passamos.

7 - Porque usam roupas coloridas rodadas cheias de brilhos?

A gente usa roupa cumprida, colorida e rodada, porque nossa tradição e cultura nos ordena. Toda mulher cigana gosta de roupa bonita, brilhosa. Gostamos também, por causa, que dançamos.

Anexo 11 - PERGUNTA PARA ENFERMEIRA

1 - COMO É O ATENDIMENTO DAS MINORIAS EM HOSPITAIS PÚBLICOS?

Em relação ao preconceito para os ciganos eu não tenho conhecimento. Já ouvi relatos de colegas que não queriam prestar atendimento por causa de conflitos religiosos, mas nunca vivenciei este tipo de problema. O que é bastante comum é o preconceito racial por parte de alguns pacientes que não querem ser atendidos por profissionais negros. Eu trabalho com Oncologia que em sua maioria, são pacientes praticamente em estados terminais, e eu ainda vivencio isso. Recente uma senhora não queria ser atendida por um negro. Isso é muito comum no hospital.

2 - O hospital pode negar atendimento a pessoas que não tem documento?

Existe um código penal e civil e tem também um conselho de ética tanto da enfermagem e também da medicina. Neste conjunto de leis, você não pode deixar de atender um paciente em risco eminente de morte. Se o paciente está com sintomas de infarto, obrigatoriamente, você tem que dar os primeiros atendimentos. Não podemos negar um atendimento para esse tipo de paciente. Chegou no hospital você não pode negar atendimento.

3- Por parte dos funcionários existe algum preconceito?

Por parte dos funcionários são taxas mínimas e eu não tenho conhecimento. Os funcionários têm uma visão mais ampla. Eles atendem todos os pacientes, independente de fé, raça ou escolha sexual. Os profissionais já estão mais centrados nos seus conceitos, então é mais difícil de não ter atendimento por preconceito.

Anexo 12- DEPOIMENTO PROFESSORA RITA

Na verdade, a nossa escola aqui que é um CEI (Centro de educação infantil) e nós aceitamos todas as etnias e tipos, pois a nova legislação nos obriga a respeitar as diferenças, então assim que entra uma criança, nós aceitamos normalmente. Fazemos a melhor parte possível para que elas sejam bem-vindas em nossas escolas. Temos aqui muitos alunos angolanos. As vezes a dificuldade é do diálogo porque eles não falam português como nós, então, temos dificuldade de entendimento. Temos um trabalho de adaptação com a criança, respeitando as suas roupas os seus costumes. Tudo é colocado em diálogo para que haja aceitação de todos. Quando há caso de preconceito, a direção entra em ação. Se for do professor contra o aluno, a direção conversa com esse professor, porque na verdade, quando nós estamos em sala de aula a gente deixar de ter o que acreditamos. Isso não é lei, então vamos supor: eu sou evangélica, independente de qualquer assunto que se tem que falar, eu tenho que falar e respeitar a posição. Hoje é muito importante a valorização das etnias e dos costumes. Do mesmo jeito que a gente valoriza as crianças brasileiras, precisamos entender que o Brasil é um país misto. Já trabalhei com mulcumanos e foi uma experiência diferente. Não sabia como lidar com a família. Tinha receio de algumas palavras. Você não sabe se pode abraçar, cumprimentar, a forma que as crianças vão te receber. Aos poucos eu fui conhecendo essa família e eu não vi nada de diferente. Único diferencial era sobre a postura ideologia que eles trazem e as vestimentas. Se algum pai ou aluno se sentir vítima de preconceito, podem recorrer a direção da unidade escolar, delegacia de ensino e até mesmo a delegacia de polícia. Existem vários tipos de providências a serem tomadas. Afinal, todo tem direito a educação.

Anexo 13 - PERGUNTAS PARA O EMBAIXADOR

1 - Qual a perspectiva do povo cigano no Brasil? Você acha que essa cultura corre o risco de se perder?

R: Eu posso afirmar que apesar do preconceito social sofrido essa perspectiva é boa. Primeiro que o que você chama de povo cigano corretamente está dividido em três grupos: Calon, Rom e Sinti, sendo que os indivíduos do grupo Rom estão completamente entregados na sociedade majoritária são em suas maiorias comerciantes, profissionais liberais e quase todos com um alto padrão de vida. Os do grupo Calon, por sua vez, são pequenos comerciantes que usualmente utilizam a BR 101 fazendo sua clientela de norte a sul do país. Por esse motivo são vistos em acampamentos que podem ser montados em terrenos arredados e não é raro ver nestes acampamentos carros de tração nas 4 rodas tais como Hilux. Dá para perceber que realmente as condições do Calon, como eu disse, apesar do preconceito não é desfavorecida socialmente. Pelo menos uma boa parte entre eles estes dois grupos o Calon e o Rom são os que possui maior numero demográfico, algo em torno de 600 mil, e finalizando temos ainda os indivíduos do grupo Sinti do qual eu faço parte. Também estão completamente integrados a sociedade majoritária. O número populacional não ultrapassa uma centena de família espalhada pelo Brasil entre os Sinti encontram-se músicos artistas circenses e profissionais liberais mas devemos lembrar que a palavra cigano nada mais é que uma generalização um rotulo que tenta denominar os brasileiros portadores de etnia romani no caso cigana.

2 - Você acredita que a cultura cigana pode ser eliminada a longo prazo?

R: Não primeiro porque não se trata de acreditar! Trata-se de conhecer o fato de que cultura significa e todo o complexo que implica o conhecimento da arte, das crenças e da lei a moral aos bons costumes e todos os hábitos a aptidões adquiridos pelo ser humano, não somente em família como também, fazer parte da sociedade da qual é membro é obvio que o que você chama de cultura cigana. Nada mais é que o que nós trazemos de valores e crenças tradicionais, seja dentro da família, ou dentro do grupo e que no decorrer do tempo se mesclou com a cultura do entorno ou seja na sociedade da qual fazemos parte em outras palavras o cigano francês tem crenças e valor tradicionais de seu grupo e a inevitável influência da cultura francesa da mesma forma que ocorre com os ciganos daqui do Brasil e de qualquer outra parte do mundo ou seja sempre haverá o que nós trazemos como etnia do grupo e a cultura do entorno do país no qual tenhamos nascidos e estejamos vivendo e assim por diante e agora é claro que vivendo pelo mundo globalizado e altamente tecnológico a possibilidade de aculturação é maior e para lutar contra isso nós da ONG Embaixada Cigana do Brasil tratamos de registrar em livros vídeo aula, pdf, e material de áudio grande partes das nossas crenças tradições culinárias tradicional, medicina tradicional cigana, língua cigana e assim fornecemos conteúdo para que a cultura se mantenha viva dessa forma a cultura não sera eliminada e tão pouco aculturada.

Anexo 14 – PERGUNTAS CARLA ANGELI

1 - PODE SE DENOMINAR QUE OS CIGANOS SEGUEM ALGUMA RELIGIÃO? QUAL E?

Nós temos a nossa cultura um pouco invadida. Tem ciganos evangélicos dos povos de terreiro, não do meu povo Calon. Eu conheço evangélicos porque algumas igrejas começaram a entrar em nossos acampamentos para evangelização. Viver no acampamento é muito difícil e sofrido. Uma palavra de Deus vem e nos conforta. Existem comunidades inteiras evangélicas em nosso meio. Desse modo, eles acabam abandonando a leitura de mão.

2 - QUAL A VISÃO DO FUTURO PARA OS CIGANOS?

Sobre a cultura acabar eu não vejo que isso pode de fato acontecer, até mesmo, porque estamos vivendo em um tempo moderno e ainda, assim, preservando a nossa cultura. Ensinamos nossos filhos sobre nossa cultura, então acredito que isso não aconteça. Eu particularmente ensino meus filhos toda nossa tradição e não permito que ele case com uma moça que não seja cigana. Quero que ele tenha oportunidades na vida porque somos um povo sofrido e precisamos de estrutura. Se depender de mim e minha família não. Acredito que os outros ciganos também de outras etnias também não vão deixar isso aconteça.

Anexo 15 – PERGUNTAS MARIA REGINA

1 - E COMUM A COMUNIDADE CIGANA PROCURAR AJUDA DA ASSISTENCIAL SOCIAL?

É comum! o maior problema dos ciganos, hoje em dia, seria a falta de instrução. Eles são praticamente a maioria analfabetos. Tem escolas que tem um certo receio com os ciganos e isso parte não só dos alunos, mas até mesmo, da própria direção. Assim muitos estão em situação de extrema vulnerabilidade, que buscam cestas básicas, auxílio do governo, como o bolsa família. Isso eles têm buscado bastante.

2 - A ÁREA SOCIAL TEM PROJETOS PARA A MINORIA EM SÃO PAULO?

Existem alguns projetos como a lei orgânica das assistências. Eles buscam minimizar o sofrimento dessa minoria, mas a minoria é muito relativa. Os negros se encaixam na minoria, as pessoas que moram nos extremos e periferias das cidades...São vários os tipos de minorias.

3 - QUAL A DIFICULDADE ENFRENTADA COM OS CIGANOS

Com os ciganos não temos dificuldades. Eles sempre consideraram não ter pátria. Isso parte dos próprios ciganos. Eles chegam na parte da área da saúde e claro, devem ser tratados com igualdade. Isso também se aplica na área da saúde, da educação, área das próprias assistências, entre outras. Ciganos devem ser atendidos como todo e qualquer cidadão.

4 - PORQUE ELES NÃO TÊM ENDEREÇO FÍSICO? PORQUE A PREFEITURA NÃO OS AJUDAM?

Os ciganos devem fazer um cadastro no setor de habitação, pois é um procedimento que a prefeitura adota. Grande parte da população faz isso. Em relação ao endereço físico, os ciganos não têm, pois ficam nas margens das cidades e em acampamentos. Normalmente eles não têm dinheiro para pagar aluguel. Todos os ciganos, assim como os índios e os negros, têm sua cultura e ela nem sempre é respeitada.

5 - PORQUE AS ENTIDADES PUBLICAS NÃO ATENDEM OS CIGANOS COMO UM CIDADÃO?

Disso eu desconheço porque todo cidadão, seja ele negro, pobre ou rico, deve ser atendido com equidade em todo o setor público, independente de raça, cor e credo. Todos devem ser tratados iguais! Agora, se há um disparate, aí parte da própria pessoa que está atendendo esse usuário e não do estado.

6 - EXISTE ALGUM PROJETO PARA OS CIGANOS?

Para eles não! Existem projetos para todos. Não existe um específico apenas para atender ciganos. O país precisa melhorar suas políticas públicas e assistenciais. Grande parte dos pobres estão desempregados, precisando de ajuda.

Anexo 16 – PERGUNTAS MAURA PIEMONTE

1- EXPLIQUE O SIGNIFICADO DOS GRUPOS CALON E ROM.

R: os calons são originários do norte da Índia que migraram para a Europa e chegaram ao Brasil em 1.574. Temos um dialeto próprio que é chamado xibi. É onde se reconhece, tanto o calon da Espanha, da Itália. Nós identificamos pelo dialeto. Os calons são ciganos também da Europa. Não somos muito ligados um povo específico em relação a tradição. Não existe algumas diferenças entre os povos.

2- EXPLIQUE COMO É SUA ROTINA?

R: Eu tenho uma associação que representa o povo cigano no cnpi e na CNPTC que é um Conselho Nacional de Promoção e Igualdade Racial e o Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais.

Então é bem difícil que eu atendo os ciganos principalmente os calons do Brasil inteiro. Já vi casos de racismo em todos os sentidos. Eu sou o que eles têm para pedir socorro e tem a minha família que é de músicos. Toda a nossa renda vem das nossas apresentações de músicas, tanto em praças públicas ou quando nós contratamos. Nas praças públicas eu faço para o combate ao racismo. Então tudo aquilo que você não conhece, normalmente te assusta. Eu prefiro mostrar um pouco da nossa cultura para que a sociedade civil aceite um pouquinho mais a cultura cigana.

3- QUAIS SÃO AS REGRAS DE CONVÍVIO DOS CIGANOS COM AS PESSOAS?

R: só posso falar pela minha casa. Eu não deixo, por exemplo, a minhas filhas ter muita amizade com as meninas que não são ciganas. Isso porque culturalmente é diferenciado. Minha filha tem que casar virgem. Hoje em dia as meninas não têm mais essa de preservar a virgindade, então se eu deixar a minha filha conviver com outra amiga, vai ficar difícil de segurar.

4- QUAIS SÃO AS TRADIÇÕES QUE AINDA SÃO PRESERVADAS ENTRE OS CIGANOS?

R: A virgindade! O casamento ainda sendo novo em idade é para evitar exatamente isso. A leitura de mão, as nossas rezas, simpatias, os nossos remédios que a gente sabe para curas de doença, isso a gente mantém.

5- PORQUE AS MULHERES UTILIZAM ROUPAS RODADAS E CHEIAS DE BRILHO?

R: Achamos bonito e gostamos de cores. Sempre andamos na rua e é uma forma de evitar que os homens mexam conosco. Não podemos mostrar sensualidade.

6- EXPLIQUE SOBRE A CULTURA CIGANA?

R: O que eu posso dizer é assim: uma cultura milenar que é passada de pai para filho. Infelizmente hoje a nossa cultura está sendo usurpada.

7- EXISTE ALGUMA MENSAGEM QUE A CULTURA DO CIGANO TRAZ PARA AS PESSOAS? QUAL SERIA?

R: Preservar a família isso é fundamental. Os ciganos dificilmente têm separação a não ser que cometa um erro muito grave como a traição.

8- SE SEUS FILHOS DECIDIREM ABANDONAR AS TRADIÇÕES CIGANAS, EXISTE ALGUMA PENALIDADE POR PARTE DOS PAIS?

R: Não, eu tenho uma filha que casou com um homem não cigano e convivo com ela normalmente.

9- O QUE É FEITO COM O DINHEIRO QUE VOCÊS ARRECADAM COM A LEITURA DE MÃO?

R: Para se sustentar, comer e pagar aluguel. É nossa forma de ganharmos alguma renda.

10- A AÇÃO DO CIGANO MAIS CONHECIDA É A LEITURA DE MÃO, ALÉM DESTA QUAL OUTRA MAIS CONHECIDA CITE CASOS?

R: A dança, a música. Todas essas artes fazem parte da nossa cultura.

11- PORQUE AS MULHERES CIGANA LEEM AS MÃOS DAS PESSOAS NAS RUAS? EXISTE ALGUM PODER ESPIRITUAL NA LEITURA DE MÃO?

R: Elas vão para a rua ler mão questão de sobrevivência mesmo.

12- QUAIS OS PRECONCEITOS QUE VOCÊ E SUA FAMÍLIA JÁ VIVENCIARAM CONTE CASOS?

R: Vários! Já passamos por dificuldades em cidades do país. Nossos filhos, já foram discriminados.

13- QUAL O MOTIVO DOS CIGANOS NÃO TER RESIDENCIA FIXA?

R: Porque somos nômades e estamos em vários locais. Tudo é questão de tempo. Depois, mudamos.

14- COMO VOCÊ FAZ PARA SEUS FILHOS TEREM ACESSO A EDUCAÇÃO?

R: Eu ponho na escola, mas já houve casos de a escola não aceitar.

15- QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS EM HOSPITAIS ESCOLAS E REPARTIÇÕES PUBLICAS:

R: Num estado do brasil não me atenderam. Me deixaram 6 horas esperando. Acredito que por eu ser cigana.

16 – COMO COMEÇOU A CARREIRA DA DUPLA IAGO E SANTIAGO HOUVE REJEIÇÃO?

R: Yago e Santiago cantava com a gente aqui na praça da República. Passou uma pessoa e viu o Tago cantando. Levaram para um programa no SBT chamado pequenos brilhantes que era o moacir franco. Lá eles ficaram um tempo. Depois eles foram para a Europa, ganharam vários festivais na Espanha. Depois disso, continuamos na rua e os dois resolveram fazer uma dupla sertaneja. Deu certo! Graças a deus eles estão bem fazendo uma média de 18 a 24 shows por mês.

17- INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL EM SÃO PAULO?

R: Total exclusão! O governo município e o governo estadual não querem ter problemas. Nosso povo continua desassistido e abandonado.

Anexo 17 – PERGUNTAS RODRIGO TEIXEIRA

1 - Qual a perspectiva para o futuro do povo cigano?

R: Eu consigo pensar. No futuro a partir do passado e aí a persistência da identidade cigana é algo incrível, surpreendente, extraordinária, como que a identidade cigana conseguiu se desenvolver por meio de uma abertura constante a outra identidade. As outras culturas vão se compondo a partir de um sincretismo cultural, com muita mestiçagem cultural, muitos entrelaçamentos.

2 - Como o poder público pode incentivar a inserção da cultura cigana no país?

R: Do ponto de vistas das políticas públicas na era Lula algo extraordinário aconteceu. No governo de 8 anos do ex-presidente há uma inversão enorme do que é a história dos ciganos em relação ao estado brasileiro. Os ciganos viviam em Portugal desde o começo da colonização da América e temos cerca de 500 anos de perseguição pelo próprio estado, ou seja, uma espécie de alpartaite perdurando há séculos. Infelizmente nos últimos anos houve uma espécie de congelamento ou mesmo um conjunto menos de assunto gerados pelo Governo Federal, Estadual e Municipal no que se refere a proteção dos direitos ciganos. Ainda há muito a se fazer! Nós estamos só no começo dessa discussão no Brasil.

3 - Você acredita na erradicação da cultura cigana a longo prazo?

R: Não, não corre perigo por incrível que pareça! Embora os direitos ciganos precisam ser defendidos e que ainda haja perseguições, depois de séculos, os ciganos continuam recebendo perseguições de várias naturezas. A cultura é mais forte do que essas perseguições.

4 - Cada ano vemos muitas pessoas deixando de lado a cultura cigana e entrando em outros meios sociais qual o motivo dessa conversão?

R: Geralmente os mais jovens são mais tentados. São mais tocados pelos inúmeros atrativos da juventude fora da comunidade cigana. É natural haver fugas e sumiços temporários. Acho que tem maneiras que eles encontram de estabelecer vínculos fortes também fora da comunidade cigana, mas eu não vejo isso como um movimento que preocupa.

5 - Qual o principal motivo para um cigano mudar de região?

R: eles são nômades! Vivem de uma região para outra. Procuram pela sobrevivência econômica. Isso depende dos contatos com as comunidades não ciganas, com as comunidades tradicionais. Eles buscam ciganos em Minas, costumam buscar material como roupa de cama, banho e até roupas pessoais compram. No comércio varejista em São Paulo eles procuram atividades econômicas.

Anexo 18 – PERGUNTAS CARLOS CALON

1 - SE APRESENTE PARA NÓS, POR FAVOR?

Eu sou Carlos Calon, conselheiro da CNPI e gostaria de falar a vocês que não conhece a cultura cigana. Sou filho de Calon Mateiro. Minha mãe é neta de Quilambola e hierarquicamente eu seria Quilambola. Nós temos um trabalho específico. Mexemos com compramos cavalos, vendemos tecidos, panela, taxo, entre outros. Essa é a forma de sobreviver. Têm os nossos dialetos. O Calin (língua romani) é mais falado entre as mulheres. Elas saem na rua para fazer a cartomancia, que é a leitura das cartas. Com isso, saímos expulsos da Índia e fomos para a Europa. Já passamos também pela França, Itália, Romênia e Portugal. Quando chegamos em Portugal, uma parte dos ciganos foram deportados para o Brasil. Chegamos aqui em 1574 e vivemos até hoje na invisibilidade.

2 - QUAIS OS PRECONCEITOS QUE VOCÊ E SUA FAMÍLIA JÁ ENFRENTARAM?

Preconceito de todas as formas. Somos discriminados assim como os homossexuais, negros indígenas e outros grupos. Não somos diferentes de ninguém. Única diferença é que moramos em barracas e normalmente quando chegamos em local para “barracar” as prefeituras de todos os estados do Brasil não permitem e nos enviam a locais com pouca estrutura, sem água e luz. Somos nômades. Já viemos assim, nascemos assim e hoje temos vontade de viver em endereços fixos. Uma vez fui morar em um apartamento em Peruíbe, litoral, onde eu tive que entrar com um processo por discriminação racial, a qual eu ganhei. Sofremos muito naquela cidade. Minha família foi caluniada, difamada, tudo isso, por sermos ciganos.

3 - EXISTE PRECONCEITO POR PARTE DOS ÓRGÃOS PÚBLICOS?

Existe, sim! Por exemplo: dar risada ou ter o cabelo comprido, caso contrário não o direito e de todos. Não podem saber que somos ciganos, se souberem, vamos passar por situações difíceis.

4 - QUAL A DIFERENÇA ENTRE CALOM E ROM?

O Calom normalmente é ladrão de cavalo, de galinha, de criança, mula sem cabeça, saci pererê, entre coisas. O Rom, vai muito bem, obrigado, com as suas mansões e carrão. Essa é a diferença.

Anexo 19 – PERGUNTAS PREFEITURA DE SÃO PAULO

Brasil Resende <brasilresende@gsnail.com> 21:08

para Fábio

Boa Noite!
serão apenas 4 perguntas não tomarei muito o tempo da equipe

- 1- Quais são as ações da prefeitura com a comunidade cigana?
- 2- Quais as dificuldades enfrentadas com os ciganos?
- 3- Existe algum projeto da secretaria que garanta os direitos dos ciganos, como educação, moradia e saúde?
- 4- a qual secretaria de direitos humanos faz para preservar a cultura dos Ciganos em São Paulo

Fábio Santos Amado Moreira 22:08

para Fábio

Cara Brasil;

ainda não há política pública específica para ciganos na Secretaria.

À disposição

Abx.



PREFEITURA DE SÃO PAULO
DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA

Fábio Moreira
Assessor de Imprensa

11 3113 9009
fabiom@prefeitura.sp.gov.br

Rua Líbero Badurá, 113 - 8º andar

fabiom@prefeitura.sp.gov.br

[Verificar detalhes](#)

Brasil Resende <brasilresende@gsnail.com> 22:08

para Fábio

Grato!

Mas tem algum planejamento para esse público? e se tiver quais seriam os futuros projetos para esse público?

Fábio Santos Amado Moreira 22:08

para Fábio

Por ora não, Brasil

Abx.



PREFEITURA DE SÃO PAULO
DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA

Fábio Moreira
Assessor de Imprensa

11 3113 9009
fabiom@prefeitura.sp.gov.br

Rua Líbero Badurá, 113 - 8º andar
Centro - 01009-000
direitos@direitos.prefeitura.sp.gov.br

fabiom@prefeitura.sp.gov.br

[Verificar detalhes](#)

Braim Resendo <braimresendo@gmail.com> 15/05 (há 1 dia) para Fábio

Olá, Fábio.

Então, as comunidades ciganas não são assistidas por nenhuma Secretaria? Não existe projetos para crianças, adolescentes que permaneçam por um período na cidade de São Paulo? Será que nenhum programa do governo pode ser estendido a esse grupo?
De qualquer forma, ainda que seja possível a resposta através de outros departamentos, preciso saber qual a visão de gestão atual em relação a essas pessoas, conforme segue:

- 1- Como a secretaria vê a situação das ciganos em São Paulo?
- 2- Existe algum projeto da Secretaria de Direitos Humanos que garanta os direitos dos ciganos, como educação, moradia e saúde?

Desde já agradeço pela atenção dispensada.

Ab,

Braim Resendo

Fábio Santos Arruda Med.
fsmadeira@prefeitura.sp.gov.br

[Visualizar detalhes](#)

4 mensagens mais antigas

Braim Resendo 19/05

Olá, Fábio. Então, as comunidades ciganas não são assistidas por nenhuma Secr...

Fábio Santos Arruda Madeira 25/05 para mim

Prezado Braim, em comentário aos questionamentos. A Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania não opera nenhum programa específico para a população cigana, mas os ciganos podem participar de quaisquer programas que os contemplem. Os ciganos, como quaisquer populações em situação de itinerância e povos tradicionais, gozam de todos os direitos fundamentais garantidos pelo ordenamento Brasileiro. A itinerância, especificamente, impõe à administração pública alguns desafios ligados à técnica administrativa especialmente no planejamento e na territorialidade dos serviços públicos. As políticas de DH destinadas para esse público atua para compatibilizar o respeito à cultura tradicional com as políticas públicas de forma a garantir o pleno exercício desses direitos.



Fábio Madeira
Assessor de Imprensa

11 5113 9909
fsmadeira@prefeitura.sp.gov.br

Fábio
fama

Anexo 20 – AUTORIZAÇÕES



ANEXO 5

JORNALISMO

Autorização para utilização de voz (Rádio / Vídeo / Mídias Digitais)

Eu, JANET CAROLINE DE OLIVEIRA, _____
_____, portador de registro de identidade RG Nº _____
17.601.415-6 e CPF Nº 044.245.173-11, _____, autorizo, prévia e expressamente, a

utilização de minha voz, bem como todo os meus dados pessoais, nos termos do artigo 11 do Código Civil para a Universidade de Santo Amaro (Unisa), sem qualquer custo, por tempo indeterminado, desde que esta utilização em trabalhos acadêmicos, pedagógicos, em consultas acadêmicas e reportagens, e em do Núcleo de Práticas de Comunicação (NPC), sem fins lucrativos, não seja por outras emissoras, canais de televisão e outros veículos de comunicação, e se respeitar a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas:

São Paulo, 20 de NOVEMBRO de 2017.

[Assinatura] _____
Declaro

Assinaturas das Testemunhas:

ANEXO 5
JORNALISMO

Autorização para utilização de voz (Rádio / Vídeo / Mídias Digitais)

Eu Carla Ângela Lacerda Silva
portador da cédula de identidade RG Nº
42.320.702-7 CPF Nº 930.383.308-45

autorizo, prévia e expressamente, a utilização de minha voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para a Universidade de Santo Amaro (Unisa), sem qualquer custo, por tempo indeterminado, desde que para utilização em trabalhos acadêmico-pedagógicos, em consultas acadêmicas e reproduções, sem do Núcleo de Práticas de Comunicação (NPC), sem fins lucrativos, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação que respeitem a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 07 de Novembro de 2014

Carla Ângela Lacerda Silva
Cedente

Assinaturas das Testemunhas:

BRUNO IBRAHIM WAPENNER

R

Carla Ângela Lacerda Silva



autorização uso de áudio-entrevista

Nícolas Ramalho nicolesramalho@gmail.com

13:11 (60 E-dos)

Para: Ricardo

Bom dia Ricardo, atendendo a sua solicitação, informo ao corpo docente da Universidade Santo Amaro que autoriza a utilização do meu ouvido digital e sua conexão para finalidades de pesquisa e divulgação de mídia.

At
Nícolas

Nícolas Ramalho
@nicolesramalho
www.nicolesramalho.com.br

ANEXO 5
JORNALISMO

Autorização para utilização de voz (Rádio / Vídeo / Mídias Digitais)

Eu, Rodrigo Corrêz Teixeira
portador da cédula de identidade RG Nº
M64.322.920 e CPF
Nº 696566146-15, autorizo, prévia e expressamente, a

utilização de minha voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para a Universidade de Santo Amaro (Unisa), sem qualquer custo, por tempo indeterminado, desde que para utilização em trabalhos acadêmico-pedagógicos, em consultas acadêmicas e reproduções, além do Núcleo de Práticas de Comunicação (NPC), **sem fins lucrativos**, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação que respeitem a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 11 de novembro de 2017.

Rodrigo Corrêz Teixeira
Cedente

Assinaturas das Testemunhas:

Frederico da Silva de L.
Marina Paula Oliveira

ANEXO 5

JORNALISMO

Autorização para utilização de voz (Radio / Video / Mídias Digitais)

Eu, Mariana May Peres
portador da cédula de identidade RG 11219229 e
CPF Nº 017.265.908-30, autorizo, prévia e expressamente,
a utilização de minha voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do
artigo 11 do Código Civil, para a Universidade de Santo Amaro (Unisa), sem
qualquer custo, por tempo indeterminado, desde que para utilização em trabalhos
acadêmico-pedagógicos, em consultas acadêmicas e reproduções, além do Núcleo de
Práticas de Comunicação (NPC), sem fins lucrativos, inclusive por outras emissoras,
canais de televisão e demais veículos de comunicação que respeitem a finalidade
desta autorização.

ANEXO 5

JORNALISMO

Autorização para utilização de voz (Rádio / Vídeo / Mídias Digitais)

Eu, JOSE SELSO DO SILVA
portador da cédula de identidade RG 21023147-6 e
CPF Nº 312.611.632-03, autorizo, prévia e expressamente,
a utilização de minha voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do
artigo 11 do Código Civil, para a **Universidade de Santo Amaro (Unisa)**, sem
qualquer custo, por tempo indeterminado, desde que para utilização em trabalhos
acadêmico-pedagógicos, em consultas acadêmicas e reproduções, além do Núcleo de
Práticas de Comunicação (NPC), **sem fins lucrativos**, inclusive por outras emissoras,
canais de televisão e demais veículos de comunicação que respeitem a finalidade
desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização,
firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 17 de DEZEMBRO de 2017.

Cedente

Assinaturas das Testemunhas:

ANEXO 5

JORNALISMO

Autorização para utilização de voz (Rádio / Vídeo / Mídias Digitais)

Eu, Rita Bernardo da Silva

portador da cédula de identidade RG 23579144-2 e

CPF Nº 251857308-70, autorizo, prévia e expressamente,

a utilização de minha voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para a **Universidade de Santo Amaro (Unisa)**, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, desde que para utilização em trabalhos acadêmico-pedagógicos, em consultas acadêmicas e reproduções, além do Núcleo de Práticas de Comunicação (NPC), **sem fins lucrativos**, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação que respeitem a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, _____ de _____ de _____

Rita

Cedente

Assinaturas das Testemunhas:
